lab maré

Laboratório de
Arquitetura, Cultura e Clima

CIRCUITO PONTOS DE MEMÓRIA

COMPOSTA MARÉ

MARÉ EM TRAÇOS

MINHA ESCOLA MAIS BONITA

MUSEU A CÉU ABERTO

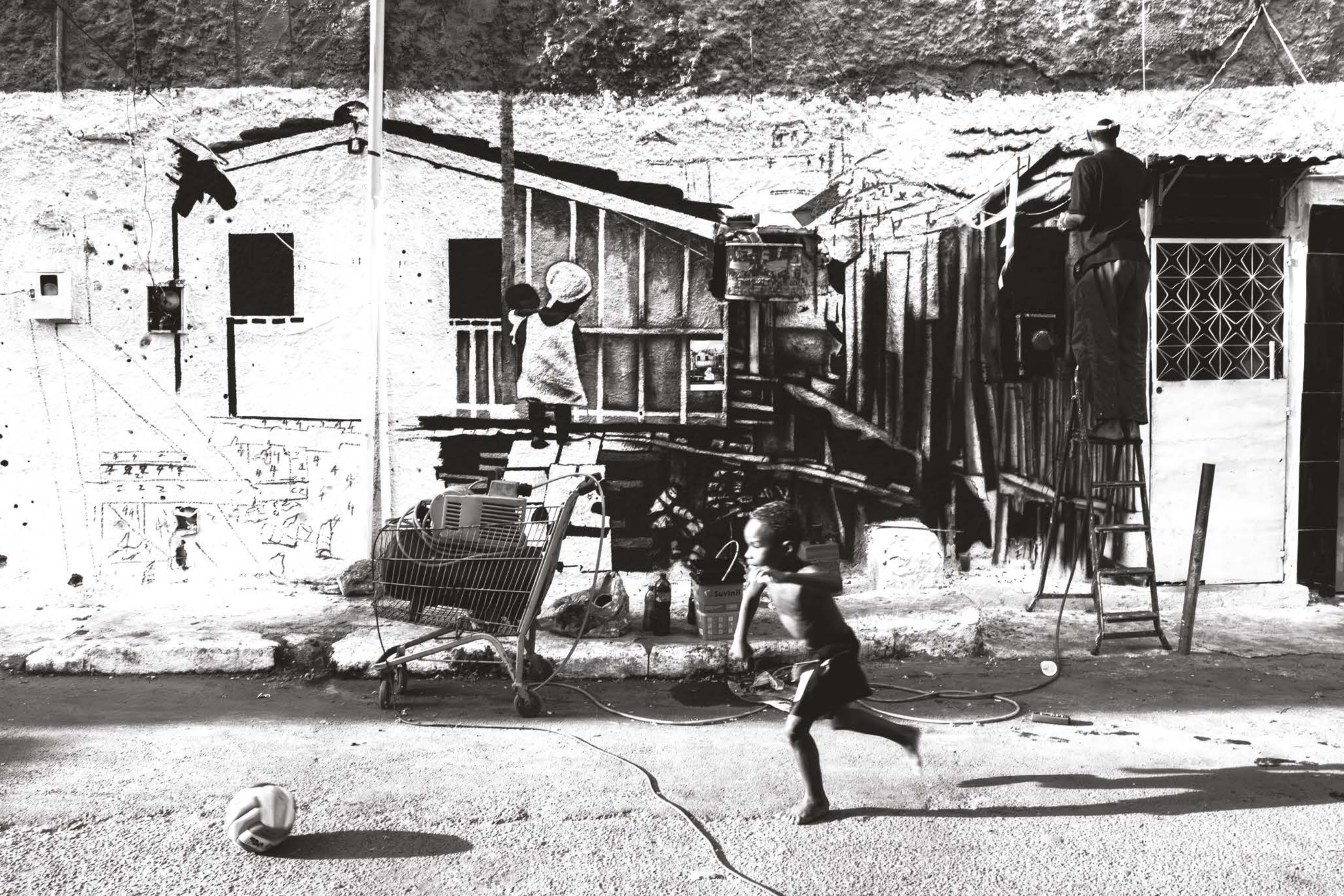
PELAS MARÉS

REQUALIFICAÇÃO DO ENTORNO
DA PRAÇA DA PAZ

REVITALIZAÇÃO DO
PARQUE ECOLÓGICO DA MARÉ

redes da maré

SILO
ARTE E
LATITUDE
RURAL


Suvinil

Abertura 06
Redes da Maré

Arquitetura, Cultura e Clima: laboratórios colaborativos e a participação cidadã nos projetos de cidade 10
Cinthia Mendonça

O que é este laboratório de experimentação e inovação? 22

O futuro do passado: mobilização comunitária e políticas públicas urbanas na Maré 199
João Sousa e Silva e Rian de Queiroz

Lista de parceiros do LabMaré: Arquitetura, Cultura e Clima 214

Sobre a Redes da Maré 224

Sobre a Silo – Arte e Latitude Rural 225

Créditos 226

22
CIRCUITO PONTOS DE MEMÓRIA

40
COMPOSTA MARÉ

64
MARÉ EM TRAÇOS

86
MINHA ESCOLA MAIS BONITA

102
MUSEU A CÉU ABERTO

124
PELAS MARÉS

150
REQUALIFICAÇÃO DO ENTORNO DA PRAÇA DA PAZ

176
REVITALIZAÇÃO DO PARQUE ECOLÓGICO DA MARÉ

Abertura

Redes da Maré

É com o coração quente que apresentamos esta publicação, resultado da terceira edição do LabMaré, iniciativa da Redes da Maré em parceria com a Silo – Arte e Latitude Rural e promovida pelo Ministério das Cidades. O Laboratório de Arquitetura, Cultura e Clima, como nomeamos este Lab, fomentou oito intervenções urbanas que foram elaboradas durante os encontros do Laboratório, com a contribuição de mentores e convidados, sempre aos sábados, no Colégio Estadual Professor João Borges de Moraes, entre outubro e novembro de 2025. O objetivo desses encontros era criar um contexto colaborativo de formulação que tivesse como pressuposto a articulação de múltiplos atores em prol do bem comum do nosso bairro e das pessoas que vivem nele. Após esse período de prototipagem das ações e de criação e fortalecimento dos vínculos, os projetos voltaram às ruas para efetivar suas ações.

Assim como nas outras edições, lançamos duas chamadas públicas, uma para propostas e outra destinada a colaboradores interessados em participar da concepção e da execução dos projetos, mesmo que não tivessem relação prévia com eles. Pela primeira vez, as propostas puderam ser apresentadas por indivíduos ou coletivos que não eram moradores da Maré, desde que fossem capazes de demonstrar seu vínculo com o território e explicitar de que maneira suas ideias dialogavam de forma concreta com as diversas dinâmicas que atravessam as favelas. Entendemos que isso poderia potencializar as ideias já presentes no território e trazer uma outra qualidade de frescor para as propostas, já que a presença de múltiplas trajetórias, saberes e redes é algo que desejamos muito.

As pesquisas que vêm sendo realizadas pelo eixo de Direitos Urbanos e Socioambientais (DUSA) da Redes da Maré ofereceram elementos importantes para reelaborações das propostas levando em consideração as singularidades de cada contexto. Esses dados, produzidos a partir de metodologias pensadas e executadas por quem vive o território, nos ajudam a compreender a importância de uma abordagem territorializada, na qual as diferenças entre cada rua importam para o que se deseja construir. Esse foi um ponto de partida dos nossos encontros, que, além da apresentação das pesquisas, buscaram tratar dos processos históricos e políticos que consolidaram o bairro, enfatizando a importância da construção de processos de mobilização e participação.

Mesmo que a produção de conhecimento livre, aberta e coletiva seja um pressuposto dos Laboratórios de

Experimentação, foi possível observar neste uma intensificação das trocas entre os grupos, resultando inclusive em uma espécie de fusão entre dois projetos, que resolveram atuar conjuntamente em um mesmo local, potencializando, desse modo, as intervenções pensadas por ambos.

Como as anteriores, esta publicação tem a intenção de produzir e partilhar uma documentação sobre as ações elaboradas pelos participantes dos projetos, além de reunir textos curtos que possam mobilizar reflexões em torno das perguntas que dão contorno ao Laboratório. Nesta edição, teremos um ensaio escrito a quatro mãos por João Sousa e Silva e Rian de Queiroz, ambos membros do DUSA, que a partir de uma abordagem histórica tecem cruzamentos entre o processo de consolidação da Maré, seus distintos atores e movimentos associativos e as questões urbanas atuais que atravessam o bairro com a chegada de obras de infraestrutura urbana de grande porte.

Museu a Céu Aberto, Circuito Pontos de Memória e Maré em Traços, cada um na sua singularidade, são projetos que utilizam o grafite para diversos fins – seja para ocupar uma área utilizada como lixão e ressignificar uma divisa, criar um circuito de memórias do território ou discutir questões socioambientais –, e todos eles são marcados por um esforço de mobilização e articulação que está para muito além da pintura de um muro. O mapeamento e a tessitura de vínculos que possibilitam a efetividade e a manutenção das ações também foram pontos centrais de projetos como Requalificação do Entorno da Praça da Paz e Revitalização do Parque Ecológico da Maré, que têm como objetivo realizar intervenções em espaços públicos de grande relevância para o território, como uma praça e o Parque Ecológico, que é a única área verde da Maré. Composta Maré e Minha Escola Mais Bonita foram projetos que criaram relações e parcerias com escolas municipais da Maré para realizar intervenções que impactam diretamente a comunidade escolar e seu entorno. Pelas Marés, um projeto pensado e gerido por um coletivo de artistas da Maré, realizou uma série de intervenções em diferentes favelas da Maré, cruzando diversas linguagens artísticas por meio de mostras, oficinas, residências e ocupações que aconteceram “pelo corpo da favela”, mobilizando uma heterogeneidade de perfis em suas ações.

Esperamos que gostem!

Arquitetura, Cultura e Clima: laboratórios colaborativos e a participação cidadã nos projetos de cidade

Cinthia Mendonça

O LabMaré – Laboratório de Experimentação e Inovação em Arquitetura, Cultura e Clima é mais uma parceria com a Silo – Arte e Latitude Rural, dessa vez realizada com recursos do Ministério das Cidades, a partir de uma emenda parlamentar.[1] O Lab ofereceu um processo formativo em arquitetura e intervenção urbana para promover a conscientização sobre os desafios socioambientais e de desenvolvimento urbano no Conjunto de Favelas da Maré, a partir de dados ambientais produzidos pelo Eixo de Desenvolvimento Urbano e Socioambiental da Redes da Maré. A imersão foi dedicada à formação de jovens, capacitando-os a pensar e propor infraestruturas arquitetônicas, artísticas e culturais sobre questões ambientais e climáticas que impactam o território. Foram selecionadas oito propostas para serem executadas no bairro, desenvolvidas com o apoio de colaboradoras/es e mentoras/es de dentro e fora da Maré.

Este é o terceiro laboratório, que ocorreu após uma primeira edição realizada entre julho de 2024 e fevereiro de 2025, dedicada a Lideranças e Práticas Comunitárias da Maré, e uma segunda edição realizada entre agosto e setembro de 2025, dedicada à Comunicação e Popularização da Ciência.

LabMARÉ e o contexto do bairro

Com 140 mil habitantes, nos mais de 47 mil domicílios, em uma área com menos de 4 km², o Conjunto de Favelas da Maré é maior do que 96% dos municípios brasileiros e pode ser considerado uma cidade de médio porte. Atualmente é o nono bairro mais populoso do Rio de Janeiro, localizado na zona norte da cidade, reunindo 15 favelas às margens da Baía de Guanabara, entre as três principais vias de circulação da cidade: Avenida Brasil, Linha Vermelha e Linha Amarela. Por margear a Baía de Guanabara, caracterizada por vegetação de mangue, a Maré começou a ser ocupada, em meados do século XX, por palafitas. Os manguezais, que sofriam os efeitos das marés, foram aos poucos aterrados com entulhos de rejeitos de obras doados por

1 Emenda parlamentar do mandato da deputada federal Talíria Petrone (PSOL-RJ).

bairros vizinhos. A Maré foi consolidada entre a década de 1940 e os anos 2000, a partir da organização e iniciativa dos moradores ou por programas habitacionais promovidos pelo poder público.[2]

Os dados do Censo Maré de 2019, uma iniciativa da Redes da Maré em parceria com o Observatório de Favelas, apontam que 61,8% dos moradores vivem na Maré desde que nasceram, 64,3% dos domicílios da Maré são próprios, e a maioria dos moradores é composta de mulheres (51%), pessoas pretas e pardas (62,1%) e jovens com menos de 30 anos (51,9%).

As 15 favelas que compõem a Maré foram reconhecidas, em conjunto, como bairro apenas em 1994, por meio da Lei Municipal n. 2.119. Elas guardam diferenças entre si por causa da formação histórica, pela migração populacional e pelas tentativas de eliminação e remoções. Em comum, todas elas, desde sua consolidação, lidam com o descaso do poder público. As localidades que compõem a Maré são, em ordem cronológica do ano-base de sua constituição: Morro do Timbau (1940), Baixa do Sapateiro (1947), Marcílio Dias (1948), Parque Maré (1953), Parque Rubens Vaz (1954), Parque Roquete Pinto (1955), Parque União (1961), Nova Holanda (1962), Praia de Ramos (1962), Conjunto Esperança (1982), Vila do João (1982), Vila dos Pinheiros (1983), Conjunto Pinheiros (1989), Conjunto Bento Ribeiro Dantas (1992), Nova Maré (1996) e Novo Pinheiros (2000), esta última conhecida como Salsa e Merengue.[3] Todas são marcadas por forte atuação e mobilização comunitária na luta pela garantia de direitos, educação e segurança pública.

O contexto para a realização do LabMaré – Laboratório de Experimentação e Inovação em Arquitetura, Cultura e Clima (entre outubro e novembro de 2025) não poderia ser mais oportuno. O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) Periferia Viva, iniciativa do governo federal e da prefeitura do Rio de Janeiro, atualmente está investindo 171 milhões de reais em obras de infraestrutura para promover melhorias na coleta de lixo, na mobilidade e na criação e manutenção de espaços de lazer. Além do PAC, a concessionária Águas do Rio retomará a conexão do esgoto doméstico do Conjunto de Favelas da Maré à Estação de Tratamento Alegria, localizada no Caju, bairro do centro do Rio de Janeiro. Portanto, está sendo realizado um mapeamento preliminar com a participação da comunidade a partir de representantes estratégicos.

2 https://www.redesdamare.org.br/br/quemsomos/sobre

3 https://www.redesdamare.org.br/br/quemsomos/sobre

O Lab aconteceu no Colégio Estadual Professor João Borges e foi composto de imersões presenciais e encontros remotos semanais. Em um deles, recebemos a visita da equipe do PAC Periferia Viva para um intercâmbio. Essa foi uma oportunidade para que o LabMaré participasse do mapeamento a partir de seus projetos. Nesse dia, apresentamos o andamento das oito propostas que estavam sendo desenvolvidas e as/os técnicas/os da equipe do PAC fizeram uma apresentação do projeto de obras aprovado. Esse compartilhamento gerou um debate crítico e produtivo sobre as necessárias transformações do bairro aliadas ao conhecimento das/dos jovens participantes do laboratório, que, naquele momento, também estavam pensando e executando protótipos de infraestruturas arquitetônicas sobre as questões ambientais e climáticas que atualmente as/os impactam. Nesse diálogo eram evidentes o valor e a pertinência das propostas desenvolvidas no LabMaré, e foi nítida a admiração da equipe do PAC pelas ideias e projetos das/os participantes, assim como é inquestionável a importância da percepção da própria comunidade sobre as soluções apresentadas tecnicamente pelo PAC, revelando preconceitos e dando a ver as reais problemáticas.

Por que os bairros da zona sul carioca não apresentam os mesmos problemas básicos de arquitetura e urbanismo apresentados pelos bairros periféricos? A Maré, assim como outras favelas, tem uma população que sofre com a ausência do poder público. Ausência de políticas públicas adequadas à realidade local, saneamento básico, coleta de lixo e transporte público deficientes, abordagens policiais violentas, poucos equipamentos públicos ou ainda baixa qualidade dos serviços oferecidos por aqueles já instalados.

O PAC Periferia Viva traz um projeto que, para ser executado e mantido, necessita de uma governança complexa, realizada a partir da gestão de diferentes instâncias, justamente pela sobreposição de territórios e de funções. Assim, o governo federal, diferentes secretarias da cidade do Rio de Janeiro e ainda algumas autarquias, aparelhos, organizações da sociedade civil e as associações comunitárias precisam dialogar e estabelecer acordos para que seja possível construir e fazer a manutenção de um bairro melhor, mais digno e seguro para as populações periféricas. Alguns dos projetos desenvolvidos nesta terceira edição do LabMaré também precisaram pensar e estabelecer formas de gestão territoriais em relação às intervenções realizadas e aos locais escolhidos para tal: escolas, aparelhos e praças públicas, muros, vias, canais. Quem cuidará ou quem fará a manutenção das infraestruturas criadas? Como garantir que elas possam perdurar e ser um legado

positivo para o bairro? Os grupos foram orientados a criar soluções em resposta a essas perguntas.

A metodologia dos laboratórios colaborativos de experimentação e inovação cidadã

Os Laboratórios Colaborativos de Experimentação e Inovação Cidadã são espaços de escuta e de participação social, podendo influenciar na construção de políticas, no desenvolvimento cultural e contribuir para a produção de conhecimento popular e científico. Nos últimos 15 anos, venho contribuindo com a adaptação e implementação desse modelo[4] de laboratório em contexto ibero-americano, e com a Silo – Arte e Latitude Rural trabalho com essa metodologia desde sua fundação em 2017. Atualmente, o formato aplicado por nós propõe um ambiente imersivo de aprendizagem que supera a típica dinâmica de transferência de conhecimento, criando possibilidades para uma prática de criação coletiva e horizontal em um espaço aberto a diferentes epistemologias, em que os participantes podem aprender e ensinar de maneira autogerida, além de possibilitar o fortalecimento de uma rede de apoio e influência, produzindo capital social e laços de confiança.

A diversidade é um dos princípios fundamentais de um laboratório colaborativo, onde pessoas de diferentes idades, raças, gêneros, crenças religiosas, orientações políticas, com variados saberes e práticas, atuam juntas buscando influenciar e impactar positivamente seus territórios, trazendo ações que colaboram para a melhoria da vida de seus habitantes. Longe de ser solucionista, o Lab privilegia a aprendizagem pela prática, demandando uma postura autocrítica e pensante, disposta a aprender uns com os outros, inclusive com os equívocos, além de oferecer condições para que a constelação de projetos e pessoas possa criar uma rede sólida de apoio e confiança, e efetivamente usar seus conhecimentos de maneira propositiva.

Um Laboratório de Experimentação e Inovação Cidadã é um ambiente de prototipagem colaborativa, isto é, um lugar onde as pessoas podem criar um mínimo produto viável que represente ou simule o funcionamento de algo que ainda está em processo de criação. Por exemplo: a versão de teste (ou a primeira versão) de uma metodologia ou de um mecanismo que poderá ser novamente testado e melhorado.

4 Os Laboratórios de Inovação e Experimentação se inspiram nos *Interactivos*, que têm origem em 2005 dentro do programa educacional do antigo MediaLab de Madrid, Espanha.

Com critérios de flexibilidade metodológica, no laboratório não há uma sucessão de etapas a serem cumpridas. Os grupos de trabalho se autogestionam, e a condução de cada grupo autogerido é feita por entregas determinadas a partir do diálogo com mentores que ficam disponíveis para orientar e problematizar a condução do trabalho de pesquisa, desenvolvimento e sistematização do processo, indicando pontuações críticas, oferecendo repertórios, criando pontes e diálogos com outros profissionais e organizações e até mesmo mediando pequenos conflitos que eventualmente possam surgir.

Os grupos de trabalho de um laboratório não se baseiam em conhecimento especializado. Todos os participantes são conhecedores de algo que podem partilhar e o seu saber é valorizado igualmente. As equipes de trabalho unem diversidade de perspectivas e epistemologias (modos de viver e pensar) em torno do mesmo problema. A prototipagem colaborativa é feita a partir de uma proposta concreta para um público definido (embora tudo possa mudar no decorrer do processo).

O LabMaré – Laboratório de Experimentação e Inovação em Arquitetura, Cultura e Clima faz uso das informações produzidas pela geração cidadã de dados da Maré para a criação de soluções em arquitetura e intervenção urbana para promover a conscientização sobre os desafios socioambientais e de desenvolvimento urbano, nos ajudando a ver as graves contradições dos projetos oficiais que muitas vezes distorcem a realidade das favelas, reforçando desigualdades. Os projetos desenvolvidos no LabMaré oferecem, com seus processos e produtos, novas maneiras de criar narrativas que colaboram para a transformação do território: fazendo ver o que estava invisibilizado; colocando novas e outras perspectivas sobre os velhos temas; mostrando potentes práticas cidadãs, comunicando os saberes locais e o valor político e social da participação de moradores na construção do bairro e, assim, da cidade.

Durante o processo, as/os participantes puderam ter contato com diferentes práticas e pesquisas sobre infraestruturas arquitetônicas, artísticas e culturais da Maré: o DUSA – Eixo de Desenvolvimento Urbano e Socioambiental da Redes da Maré possui projetos que produzem dados ambientais sobre o território que serviram de referência para as propostas que foram desenvolvidas no Laboratório.

O conjunto de projetos que encerra esta terceira edição do LabMaré possui um desenvolvimento importante em relação à autonomia de suas propostas, seja em um nível de consciência individual, seja na prática de trabalho colaborativo, considerando parcerias com outros projetos, articulações políticas, comunitárias e institucionais.

Destacam-se também a articulação territorial, a apuração e checagem de dados e informações, o domínio de técnicas de intervenção urbana, arquitetura e, ainda, a capacidade de narrar e compartilhar as próprias histórias experimentadas e partilhadas durante o Lab.

Enquanto o Conjunto de Favelas da Maré continua a lutar por seus direitos básicos em um cenário de crise econômica e social na cidade do Rio de Janeiro, o conjunto de projetos que passaram pelo LabMaré – Laboratório de Experimentação e Inovação em Arquitetura, Cultura e Clima revela a possibilidade real da participação de moradores na criação de um bairro e, por consequência, de uma cidade onde viver é mais prazeroso, uma cidade mais justa e cidadã.

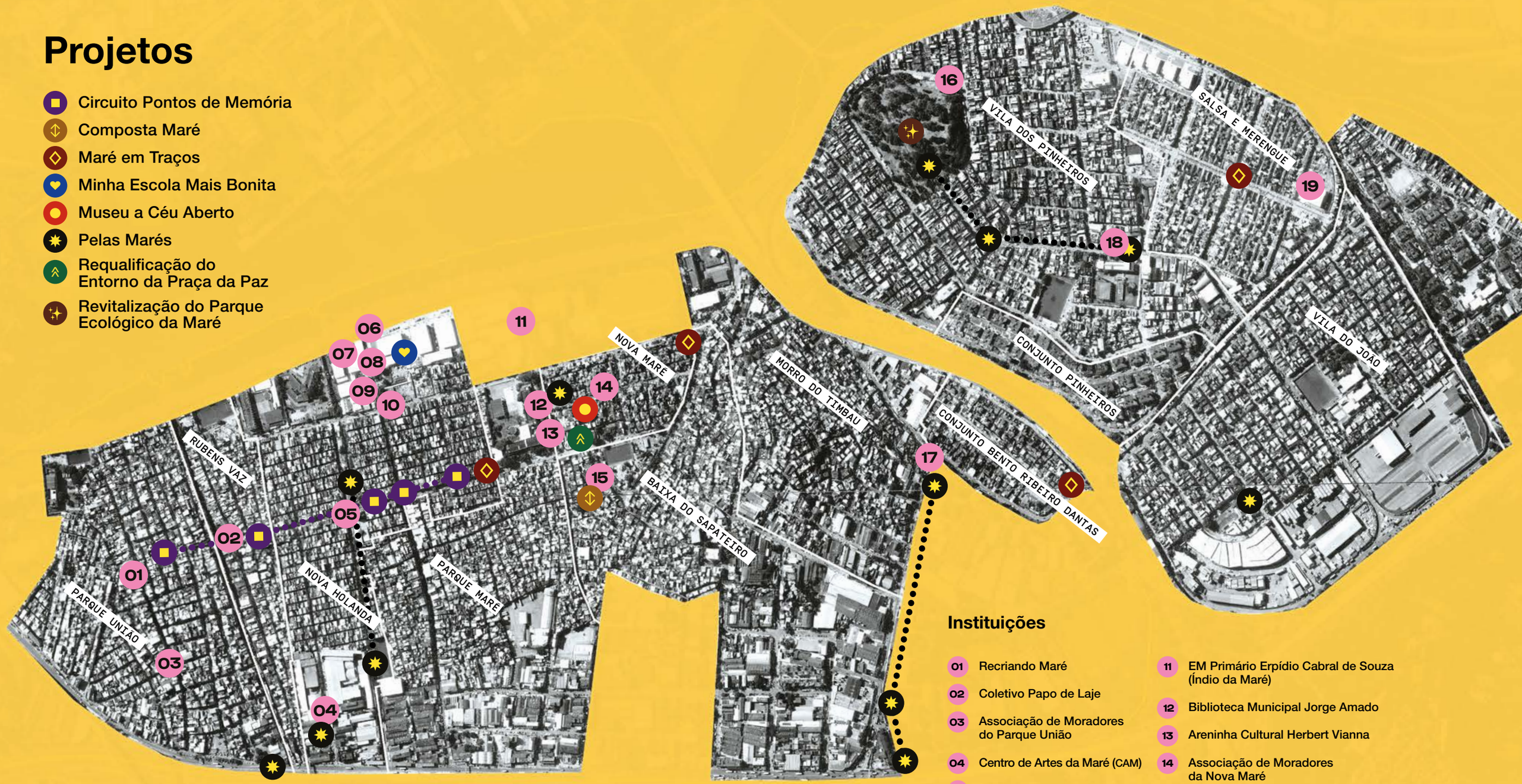
O que é este laboratório de experimentação e inovação?

O LabMaré – Arquitetura, Cultura e Clima é um Laboratório de Experimentação e Inovação que faz parte de um processo colaborativo de quase duas décadas, tendo como referência a convergência de diferentes pessoas e instituições localizadas, sobretudo, no contexto ibero-americano. A Silo – Arte e Latitude Rural, organização com a qual é firmada a parceria na realização do LabMaré, tem um papel importante na adaptação da metodologia em contexto latino-americano, inclusive com enfoque em periferias rurais e urbanas.
A metodologia pensada nos Laboratórios tem como traço fundamental a criação de um contexto diverso no qual indivíduos, grupos e coletivos, que muitas vezes não se conhecem e muito provavelmente nunca chegariam a traçar possíveis conexões, possam partilhar um ambiente e criar possibilidades de ações conjuntas.
A centralidade da colaboração e a criação de habilidades que fomentam a autonomia dos projetos são aspectos centrais da metodologia, que fortalecem dinâmicas e contextos já existentes no território e seguem atualizando a força do trabalho comunitário.

Nesta edição, partimos de três áreas abrangentes – Arquitetura, Cultura e Clima – que se entrecruzam intensamente e que têm tomado proporções singulares em um contexto de colapso climático e de distribuição desigual dos seus efeitos. O intuito do Laboratório foi fomentar, a partir da Maré, intervenções em espaços públicos e criar um espaço de encontro e conversa sobre os temas que dão contorno ao Laboratório. As propostas foram convidadas a dialogar com dados e diagnósticos produzidos localmente e propor ações a partir de dinâmicas colaborativas entre os grupos e em diálogo com mentores, além de ativar uma rede de atores do território capazes de complexificar e contribuir para a efetivação e a duração das ações realizadas.

Projetos

- Circuito Pontos de Memória
- Composta Maré
- Maré em Traços
- Minha Escola Mais Bonita
- Museu a Céu Aberto
- Pelas Marés
- Requalificação do Entorno da Praça da Paz
- Revitalização do Parque Ecológico da Maré



Instituições

01 Recriando Maré
02 Coletivo Papo de Laje
03 Associação de Moradores do Parque União
04 Centro de Artes da Maré (CAM)
05 Creche Municipal Nova Holanda
06 EM Olimpíadas 2016
07 Projeto Sons da Maré
08 Águas do Rio - Núcleo Maré
09 Comlurb - núcleo Maré
10 Associação de Moradores da Nova Holanda
11 EM Primário Erpídio Cabral de Souza (Índio da Maré)
12 Biblioteca Municipal Jorge Amado
13 Areninha Cultural Herbert Vianna
14 Associação de Moradores da Nova Maré
15 Creche Municipal Monteiro Lobato
16 Associação de Moradores do Parque Ecológico da Maré
17 Museu da Maré
18 Ciep Ministro Gustavo Capanema
19 EM Vereadora Marielle Franco

CIRCUITO PONTOS DE MEMÓRIA

INSTITUTO SOCIAL ENCONTRO DAS ARTES

BRUNO ANDRÉ

GIRLENE DOS SANTOS

LUIZA AZEVEDO

ODIR CONCEIÇÃO

RAFAEL MARQUES

RONALD CHAGAS

VANDO FERNANDES

O que é o projeto?

O Circuito Pontos de Memória é um projeto desenvolvido pelo Instituto Social Encontro das Artes, com a proposta de realizar uma série de intervenções artísticas na Nova Holanda e no Parque União. Distribuído em cinco pontos, os murais revelam paisagens antigas da Maré, narrando e celebrando a história do território e formando um circuito de arte urbana que valoriza identidades e memórias locais. Além das pinturas, foi desenvolvido um Mapa Digital do circuito, com informações sobre cada ponto de memória.

Como foi o desenvolvimento do projeto?

A construção do projeto se deu de forma horizontal e orgânica. Foram realizados encontros semanais, reuniões, pesquisas de documentos em acervos locais, como Museu da Maré, e nos acervos de alguns moradores, além de trabalho de campo nos possíveis pontos dos murais.

Inicialmente, o objetivo era retratar personalidades importantes do território, mas houve dificuldade na fase de pesquisa e na autorização para execução dos murais. Dessa forma, pensamos em uma estratégia diferente da proposta inicial. Continuando com a proposta de trazer memórias, conversamos com os mentores do Laboratório e decidimos registrar paisagens do território como eram em outros tempos.

Como o projeto, a partir da Maré e suas potências, propõe possibilidades de futuro?

Com a realização do projeto, o primeiro benefício do território é estético, ou seja, o embelezamento do espaço, o que cria afetividade com o lugar e pertencimento a ele. Segundo, criamos um burburinho sobre as histórias e as memórias de outrora, que circulou entre as pessoas que tiveram contato com a paisagem retratada, e por isso se lembram, e as pessoas que não tiveram contato, e por isso passam a conhecer e imaginar. Esse burburinho causou curiosidade sobre a história do território, as suas transformações, e também sobre as tecnologias ancestrais, como o rola-rola, que era um barril utilizado para carregar água em um contexto em que o acesso à água era muito precário. O projeto também contou com atividades de educação patrimonial para a comunidade, a fim de gerar laços e conhecimento a partir dos murais.

Atividades realizadas:

Reuniões coletivas aos sábados com o LabMaré.

•

Reuniões mensais de alinhamento somente com a equipe do projeto.

•

Trabalho de campo: conversa com moradores, identificação de possíveis casas-tela.

•

Pesquisa em acervos pessoais e institucionais.

•

Mapeamento dos murais.

•

Realização dos murais.

•

Elaboração do Mapa Digital.

•

Entrevistas com moradores das casas-tela.

•

Atividades de educação patrimonial.

•

Atividades de formação.

•

Evento de inauguração.

Articulações necessárias para realização do projeto:

O projeto fez diferentes tipos de parcerias. Na etapa da pesquisa, foram feitas articulações com Museu da Maré, Comunidade de Pescadores da Colônia e moradores. Já na fase da realização, foram feitas atividades de formação com Negro Muro, Airá Crespo, Museu de Favela e CEP Favelas (UNIRIO), com o intuito de que o projeto continue dando outros frutos. Na terceira fase, após a conclusão dos murais, realizamos oficinas de arte e atividades de educação patrimonial com crianças, e para isso foi importante a parceria com as escolas e as famílias.

@Oficialencontrodasarte

Participantes:

INSTITUTO SOCIAL ENCONTRO DAS ARTES

Este instituto nasceu como um projeto de artes dentro da escola carcerária Henrique de Souza Filho – Henfil (Bangu, Rio de Janeiro). Foi fundado por Odir Santos, que dava aula de pintura para outros internos. O projeto cresceu e se tornou uma ONG com sede na Nova Holanda. Atualmente, são realizados cursos de artes, qualificação profissional, distribuição de alimentos, entre outras atividades.

BRUNO ANDRÉ

Nascido em Niterói, é artista plástico e tatuador. Atua como um dos artistas que realizaram os murais do Circuito Pontos de Memória.

GIRLENE DOS SANTOS

É mãe, flamenguista e nasceu na Paraíba. Moradora da Nova Holanda, atualmente é presidente do Instituto Social Encontro das Artes.

LUIZA AZEVEDO

Nascida e criada na Baixada Fluminense, é graduada em história (UFRJ), mestranda em Memória Social (UNIRIO) e colaboradora do Instituto Social Encontro das Artes. É pesquisadora e investiga sociabilidade e memória em espaços urbanos.

ODIR CONCEIÇÃO

É diretor e fundador do Instituto Social Encontro das Artes, estudante de Serviço Social (UERJ) e artista plástico. Nascido e criado na Nova Holanda, atualmente é pesquisador da Redes Maré.

RAFAEL MARQUES

Nascido em São Gonçalo, é artista plástico e um dos artistas que realizaram os murais do Circuito Pontos de Memória.

RONALD CHAGAS

É da zona norte, artista plástico, artesão e um dos artistas que realizaram os murais do Circuito Pontos de Memória.

VANDO FERNANDES

É flamenguista, nascido e criado na Nova Holanda. É comerciante e possui um bar que é ponto de encontro para moradores. Atua como diretor de assuntos estratégicos do Instituto Social Encontro das Artes.

Legendas das imagens:

1: Odir e o Mural Casinhas.

2: Dia de realização do Mural das Palafitas.

3: Mural do Rola.

4: Equipe na pintura do Mural das Palafitas: Odir Conceição, Girlene dos Santos, Luiza Azevedo e Rafael Marques.

5: Odir e moradoras visitando o Mural do Rola após atividade no Instituto Social Encontro das Artes.

6: Mural das Palafitas.

COMPOS-
TA MARÉ

COLETIVO RECRIANDO MARÉ
TIAGO CARLOS DO NASCIMENTO
SIBELE MESQUITA
NICOLE CALHEIROS
LÍVIA DIAS MESQUITA
MAYARA DOS SANTOS DE OLIVEIRA
ANDREZA ALVES DE SANTANA

O que é o projeto?

O Conjunto de Favelas da Maré é uma das regiões da zona norte do Rio de Janeiro. Com uma área de 4,38 km² e cerca de 140 mil moradores, é considerada uma cidade de porte médio, com 47 mil domicílios distribuídos entre as 15 favelas, segundo o Censo Maré 2019. Em 1994, foi reconhecida como um bairro, dando origem ao Bairro Maré, 11º mais populoso do Rio de Janeiro. Como um bairro populoso, enfrenta desafios na gestão de resíduos devido ao alto índice de descarte irregular de lixo, à falta de lixeiras nas ruas e à ausência de políticas públicas que busquem solucionar esse problema.

A Maré produz todos os dias 205 toneladas de detritos. O território tem uma gerência exclusiva da Companhia Municipal de Limpeza Urbana [Comlurb], que está situada na Subdivisão de Gerência de Ramos, na Nova Holanda, terceira favela mais populosa da Maré segundo o Censo Maré 2019. Isso, em tese, garantiria mais autonomia e eficiência nos serviços prestados. Todavia, a gestão de resíduos ainda é um grande desafio no bairro.

Em 2025, o projeto Recriando Maré decidiu apostar em uma tecnologia social de alto potencial como ferramenta de gestão de resíduos: a compostagem. Essa proposta partiu da experiência de dois membros do Coletivo em projetos anteriores e foi desenvolvida até a criação do projeto Composta Maré. A ideia é que, por meio da compostagem, os resíduos orgânicos, como restos de alimentos que seriam descartados incorretamente, virem adubo para plantas.

Com a proposta aprovada, recebemos um recurso de 20 mil reais e o apoio de uma equipe de mentores, com o intuito de tirar o projeto do papel. Para isso, realizamos uma parceria com a Creche Municipal Monteiro Lobato, localizada na Baixa do Sapateiro, que demonstrou interesse em receber uma composteira e também uma horta, como parte da revitalização do jardim da unidade. A construção da composteira e da horta, bem como as formações para a comunidade escolar, aconteceram entre dezembro de 2025 e janeiro de 2026. Em março de 2026, a entrega da composteira e da horta à creche foi feita, e marcamos um evento de inauguração para mobilizar a comunidade escolar e os moradores vizinhos a conhecer a horta que também é da comunidade.

Como foi o desenvolvimento do projeto?

O Composta Maré iniciou o LabMaré com a proposta de colaborar para solucionar a demanda por gestão de resíduos pela construção de composteiras como prática de intervenção urbana. Essa é uma solução baseada na natureza, simples, fácil de replicar e com potencial para mitigar o descarte incorreto de resíduos.

O primeiro desafio foi a escolha do local para instalação da composteira, porque, apesar de ser uma tecnologia simples, ela demanda manutenção semanal. Os resíduos precisam ser revirados para o processo ocorrer corretamente e gerar um composto de boa qualidade. Ou seja, além do local, era preciso alguém para ficar responsável pela composteira.

Os locais inicialmente mapeados foram: Vila Olímpica da Maré, Creche Nova Holanda e Associação de Moradores do Parque União. No entanto, todos apresentaram algum tipo de dificuldade: alguns tinham o espaço, mas não tinha nenhum responsável; outros tinham o responsável, mas não tinham o espaço necessário.

A demanda da Creche Municipal Monteiro Lobato chegou para o Coletivo por meio de uma conversa com Marcos Mello, um dos mentores do LabMaré, que comentou sobre a vontade da diretora de revitalizar o espaço do jardim da escola, incluindo também nele uma horta. A partir disso, marcamos uma reunião inicial para conhecermos a unidade de ensino e conversar com a diretora.

A Creche Municipal Monteiro Lobato, localizada no Conjunto de Favelas Maré, é uma unidade de ensino engajada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), abordando as temáticas da Agenda 2030, que, por sua vez, englobam igualdade de gênero, consumo e produção responsáveis, paz e justiça, entre outros objetivos.

A unidade de ensino deseja construir um futuro mais sustentável, oferecendo aos alunos a oportunidade de criar uma conexão com a natureza mediante práticas educativas, como o reaproveitamento de materiais para atividades pedagógicas e a separação de lixo. Além disso, a creche trabalha com iniciativas que buscam integrar os alunos ao meio ambiente desde a primeira infância, com um projeto político-pedagógico de sustentabilidade, construído para orientar o ensino, a gestão administrativa e as relações com a comunidade.

A demanda por uma horta veio da diretora, Ana Maria, que gostaria de enriquecer a alimentação das crianças com mais cor e sabor, com temperos como cebolinha, manjericão e salsinha, e também incluir salada diariamente no almoço. Como o projeto propõe, principalmente, a construção de uma composteira, conversamos com o corpo escolar, que se interessou muito pela ideia, já que poderiam mostrar para os alunos o ciclo completo dos alimentos, da plantação até o adubo.

Nessa primeira reunião, foi possível conhecer melhor o espaço, a comunidade escolar interna e entender as demandas, dificuldades e sugestões de que a escola gostaria ou que precisaria solucionar. A proposta da composteira foi apresentada e muito bem-aceita. Outras reuniões de alinhamento foram feitas, entre elas com o mentor Junior Pimentel para pensar no desenho do projeto e com o pedreiro responsável pela obra.

A escolha de realizar o projeto na creche foi fundamentada também na forma como a unidade constrói a relação entre as crianças e a natureza e no reconhecimento do engajamento da comunidade escolar com a proposta. A equipe considerou importante que a creche, inclusive, já tivesse tido uma horta, cuja plantação, devido a alguns problemas e à falta de manutenção durante as férias, não resistiu.

Feita a articulação com a creche, o próximo passo foi entender quais demandas conseguiríamos assumir de acordo com a nossa disponibilidade de tempo e orçamento. Com a ajuda dos mentores Ana Albertbeg e Junior Pimentel, decidimos que, além da composteira e da horta, iríamos abraçar a ideia de construir um pergolado para a entrada do jardim da escola e restaurar de forma básica o restante do jardim. Acreditamos que com essas ações já seria mais agradável para as professoras trazerem os alunos para aquele espaço.

Em novembro de 2025, realizamos a primeira visita técnica com o pedreiro para avaliação e metragem do local. Essa ação foi fundamental, porque a partir desse levantamento pudemos mensurar o quanto a obra iria demandar do orçamento. Sobretudo, pudemos analisar os melhores locais para as intervenções. Após a coleta das medidas, os materiais foram orçados para a implementação da horta com o pergolado.

Para a compostagem, após considerar as demandas da creche, decidimos que o melhor seria trabalhar com a composteira termofílica em caixa d’água, uma tecnologia social de baixo custo e alta eficácia, ideal para a escala institucional do projeto. A escolha da metodologia termofílica se justifica pela sua capacidade de acelerar o processo de decomposição e, principalmente, de atingir altas temperaturas (entre 55°C e 75°C). Esse aquecimento é fundamental para a higienização do composto, pois elimina patógenos e sementes de plantas invasoras, garantindo um produto final seguro e de alta qualidade para ser utilizado na horta pedagógica.

Para potencializar a efetividade do projeto na creche, em dezembro realizamos dois encontros-formações com algumas professoras e a diretora para falarmos sobre a horta e a compostagem. Apresentamos o Coletivo, o projeto e as ideias que tivemos para a unidade e pudemos ouvir delas de que maneira as intervenções iriam contribuir pedagogicamente para as aulas. Além disso, também entendemos quais seriam as melhores maneiras de integrar o projeto à realidade e ao dia a dia da creche, para não gerar mais demandas para as profissionais.

Para esses dois encontros, construímos apresentações e uma cartilha de instruções sobre horta e compostagem que foram baseadas num conjunto robusto de materiais didáticos e técnicos. Esses recursos, que incluem o *Manual para Horta em Escolas*, o guia *A Escola promovendo hábitos alimentares saudáveis* e o *Guia Prático para Hortas Medicinais*, forneceram a base teórica e prática para o cultivo e a educação nutricional. Além disso, a metodologia de aplicação e o desenvolvimento prático do projeto foram aprimorados ativamente, visto que membros da equipe participaram do curso “Cultivo e Produção de Hortas”, realizado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR, cujas práticas e conteúdos foram diretamente incorporados ao material da formação.

Em dezembro de 2025, voltamos à creche para realizar nossa primeira atividade com as crianças, como parte da proposta de integrá-las na construção da horta. Separadas por turmas, recebemos as crianças no jardim para fazermos juntos a plantação de sementes de hortaliças, para serem transplantadas para a horta da escola após as férias. Cada aluno recebeu um vasinho, terra e sementes e saiu com a missão de cuidar de sua muda, regá-la e retornar com ela no ano seguinte. O objetivo da atividade foi despertar a curiosidade, a criação de hipóteses e a sensação de pertencimento das crianças em relação à horta e à compostagem.

De outubro a novembro, nos dedicamos à realização de todo o processo teórico, metodológico e organizacional fundamental para a realização bem-sucedida do projeto. Entre dezembro e janeiro, além dos encontros com as professoras, fizemos a construção da estrutura da horta.

A inauguração do projeto marcou a abertura oficial de todo o processo da horta e da compostagem para a comunidade, especialmente para os moradores do entorno da unidade escolar. Desde o início, o objetivo foi garantir que a horta e a composteira não fossem apenas estruturas físicas, mas espaços vivos de aprendizagem, troca e fortalecimento comunitário.

O primeiro ciclo da horta e da compostagem foi integralmente destinado à doação para vizinhos e pessoas interessadas em adubo orgânico e hortaliças. Essa ação simboliza o compromisso da creche com a educação ambiental e climática, além de reforçar práticas de soberania alimentar no território. A iniciativa demonstrou que a unidade escolar atua como um espaço de formação cidadã, promovendo consciência ecológica desde a primeira infância.

O projeto foi finalizado com a construção completa da horta, a instalação da composteira e a realização do evento de inauguração do Jardim da Monteiro. A cerimônia aconteceu com a presença da comunidade escolar, moradores da Maré e parceiros do projeto, consolidando a entrega oficial do espaço à Creche Municipal Monteiro Lobato e à comunidade.

A escola passou a utilizar a horta como ferramenta pedagógica interdisciplinar, integrando o cuidado com as plantas às atividades educativas e incorporando parte da produção à alimentação escolar, fortalecendo práticas de alimentação saudável e sustentável.

O projeto foi desenvolvido a partir da Maré e de suas potências, reconhecendo os saberes locais, as redes de apoio e a capacidade de mobilização do território. Mais do que uma intervenção pontual, a iniciativa consolidou uma metodologia participativa baseada na escuta, na construção coletiva e na valorização da comunidade.

Com a realização do Composta Maré, entregamos não apenas uma horta e uma composteira, mas uma nova possibilidade metodológica para as professoras, que passaram a contar com esses espaços como ferramentas pedagógicas permanentes. As crianças foram incentivadas a imaginar futuros possíveis de uma Maré mais verde, enquanto a comunidade escolar se sentiu motivada a cultivar seus próprios espaços verdes em casa.

O Composta Maré tornou-se, assim, uma semente plantada no presente para gerar frutos no futuro, fortalecendo a educação ambiental, o cuidado com o território e o protagonismo comunitário.

Como o projeto, a partir da Maré e suas potências, propõe possibilidades de futuro?

O Composta Maré atua como uma semente. Ao oferecer formações e cartilhas para professores e famílias, o projeto espera que a comunidade escolar se sinta motivada a replicar cantinhos verdes em suas próprias casas, criando uma rede de práticas ecológicas afetivas e coletivas.

Atividades realizadas:

Reuniões coletivas com o LabMaré.

•

Reuniões semanais de equipe.

•

Reuniões de alinhamento com a creche.

•

Visitas técnicas à creche.

•

Encontros-formações com a comunidade escolar.

•

Atividades educativas com as crianças.

•

Construção da horta.

•

Plantio das mudas e sementes.

•

Construção da composteira.

•

Realização do evento de inauguração do
Jardim da Creche Municipal Monteiro Lobato.

•

Planejamento e execução das visitas
de acompanhamento
da horta e da composteira ao longo de 2026.

•

Doação de biofertilizantes da Companhia Municipal
de Limpeza Urbana (Comlurb).

Articulações necessárias para realização do projeto:

Creche Municipal Monteiro Lobato

•

Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb)

recriando
MARÉ

Participantes:

COLETIVO RECRIANDO MARÉ

É uma iniciativa comunitária idealizada por moradores da Maré que, por meio de oficinas de gestão de resíduos e educação ambiental, atua sensibilizando moradores do Conjunto de Favelas da Maré para questões socioambientais. O coletivo foi pensado para responder à falta de políticas públicas e iniciativas de gestão de resíduos dentro do conjunto de favelas. Além disso, nos seus pilares de atuação, busca promover o protagonismo feminino, a economia circular e apostar em tecnologias sociais baseadas na natureza.

TIAGO CARLOS DO NASCIMENTO | MARÉ, 1997

É formado em Ciências Biológicas e atua como ativista ambiental. Junto com Andreza Alves de Santana, idealizou o Coletivo Recriando Maré. Com três anos de experiência em mobilização territorial, atua como educador ambiental, capacitando jovens e adultos para a preservação do meio ambiente diante das mudanças climáticas. Atualmente, é um dos consultores da ONU – Habitat para o novo PAC Maré.

SIBELE MESQUITA | MARÉ, 1987

Formada em Relações Públicas pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Nascida e criada no Parque União, sua trajetória é profundamente ligada à Maré e ao fortalecimento dos conhecimentos produzidos pela comunidade. É integrante do Coletivo Recriando Maré, no qual atua com educação ambiental, mobilização comunitária e iniciativas para compreender e promover o descarte correto de resíduos na Maré. Também é pesquisadora da Casa de Histórias e Memória da Maré, pela Redes da Maré, e pesquisadora da Fiocruz, onde desenvolve um inventário participativo sobre detentores de saberes ancestrais no território, valorizando memórias, tradições e experiências que sustentam a vida na Maré. Foi pesquisadora do CliMaré, projeto que investiga como o calor extremo afeta a saúde física e mental das moradoras e moradores. Sua caminhada une território, ciência, ancestralidade e compromisso com a melhoria da qualidade de vida na Maré.

NICOLE CALHEIROS | RAMOS, 1999

É jornalista, ativista climática e *alumni* do Aspire Leaders Program. Além do Recriando Maré, faz parte do Coletivo LUTA [Leopoldina Unida por Transformação Ambiental] e da Rede Manas. Busca colaborar para impactar positivamente a vida das moradoras da Maré e tem como objetivo popularizar a conversa sobre pertencimento ao território e direito à qualidade de vida em áreas vulnerabilizadas.

LÍVIA DIAS MESQUITA | MARÉ, 1999

Nascida e criada na Maré, é formada em Administração e mobilizadora de causas sociais desde 2020. Atuou em iniciativas voltadas para a saúde mental e a prevenção de violência contra a mulher, além de colaborar em diversos projetos comunitários no território. Atualmente, participa do Recriando Maré, onde exerce ativismo ambiental por meio de oficinas, educação ecológica e ações de redução de resíduos. Acredita que sua atuação em projetos que acolhem pessoas desde a primeira infância até a idade mais avançada fortalece vínculos, amplia oportunidades e contribui para uma comunidade mais consciente, sustentável e acolhedora para todos.

MAYARA DOS SANTOS DE OLIVEIRA | MARÉ, 2004

Moradora do Conjunto Esperança, é graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). É pesquisadora pelo projeto CliMaré, realizado pela Redes da Maré. Faz parte do Composta, que entende que a sustentabilidade se constrói em conjunto. Junto com o Recriando Maré, colabora para que a Maré seja um lugar onde a ecologia é uma prática coletiva, contínua e afetiva.

ANDREZA ALVES DE SANTANA | MARÉ, 1994

Moradora do Conjunto de Favelas da Maré, atua há mais de três anos em iniciativas socioambientais voltadas para a justiça climática, a gestão de resíduos e o fortalecimento comunitário em territórios populares. É uma das idealizadoras do Coletivo Recriando, iniciativa que articula educação ambiental, economia circular e mobilização social a partir da realidade das favelas. Graduanda em Gestão Ambiental, desenvolve uma atuação prática em gestão de resíduos sólidos e compostagem, com experiência em projetos de coleta cidadã de dados, educação ambiental e tecnologias sociais voltadas para o manejo de resíduos orgânicos e recicláveis. Atualmente atua na Águas do Rio como Assistente de Responsabilidade Social na Maré, sendo ponto focal do Programa Afluentes no território, realizando o mapeamento e a articulação de lideranças comunitárias, religiosas e organizações locais, fortalecendo o diálogo entre a concessionária e a população e contribuindo para estratégias de engajamento social, educação sanitária e promoção do direito à água e ao saneamento. Sua trajetória é marcada pelo compromisso com a justiça climática territorial, entendendo que os impactos ambientais, a precariedade do saneamento e a má gestão dos resíduos afetam de forma desproporcional as favelas. Por meio do Recriando Maré, contribui para que a Maré se consolide como um território onde a ecologia é uma prática coletiva, contínua e afetiva, construída a partir dos saberes e da potência do próprio território.

recriando
MARÉ

VAMOS VIVER COM...

HORTA ANA PAULA ARAÚJO DOS SANTOS
@recriando.mare
@mareemtracos

Legendas das imagens:

1: Finalização da horta e plantio das mudas.

2: Confecção das mudas com crianças.

3: Finalização da horta e plantio das mudas.

4: Equipe do Recriando Maré e equipe da Creche Municipal Monteiro Lobato.

5: Encontro com as professoras da creche sobre a horta, seus cuidados e manejo.

6: Cerca para proteção das mudas.

7 e 8: Cartilha de instruções sobre horta e compostagem elaborada pelo projeto.

MARÉ EM TRAÇOS

ANNA CAROLINA DA SILVA FRAGA
BRUNA VASCONCELOS SILVA
FRANCIS SILVA
MAINI DE OLIVEIRA PERPÉTUO
LUAN RODRIGUES DOS SANTOS ALCELINO
PÂMELA VIEIRA MATOS

O que é o projeto?

O projeto tem como objetivo realizar a pintura de murais no território da Maré, utilizando a arte como ferramenta para tornar questões ambientais e informações relacionadas ao clima mais acessíveis e visíveis no cotidiano do território. A iniciativa foi desenvolvida para os moradores da Maré, reconhecendo que conteúdos sobre meio ambiente e indicadores climáticos nem sempre chegam de maneira clara ou atrativa para a população. Ao transformar informações, vivências e percepções ambientais em arte, o projeto busca ampliar a circulação desses saberes, fortalecer a conscientização ecológica e aproximar a comunidade das discussões sobre clima, território e qualidade de vida. Assim, os murais se tornam intervenções estéticas, e também instrumentos de educação, sensibilização e diálogo público sobre os desafios ambientais que impactam diretamente o cotidiano local.

Mural “Para crescer é preciso respirar”

O primeiro mural do projeto Maré em Traços foi realizado na Escola Municipal Primário Erpídio Cabral de Souza (Índio da Maré) na favela Nova Holanda, tendo como temática a poluição do ar. A ação parte de estudos que apontam os impactos de gases poluentes, como o dióxido de nitrogênio (NO_2), no processo de aprendizagem de crianças. Diante disso, o projeto propôs comunicar essa problemática por meio da arte, articulando intervenções visuais e ações educativas na comunidade escolar.

A arte do mural foi idealizada por Bruna Vasconcelos (@anyway_bru) e executada com o apoio de Francis Silva (@francis_sikvx). A obra traz a frase “Para crescer é preciso respirar”, estabelecendo uma relação direta entre o direito ao ar limpo e o desenvolvimento das crianças. O mural também dialoga com a presença das plantas como elementos capazes de contribuir para a purificação do ar, o que motivou a realização de uma ação de plantio em garrafas PET. Essas plantas passaram a integrar a composição do mural, fortalecendo visualmente a mensagem e promovendo a troca de informações com os alunos do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) que participaram da atividade.

Além disso, o projeto realizou uma oficina de desenho com as crianças menores, convidando-as a imaginar e representar o ar poluído e o ar puro no território. Os desenhos produzidos foram incorporados ao mural ao final da pintura, ampliando o caráter coletivo, educativo e participativo da intervenção artística.

Mural “EducAR”

Realizada na Linha Amarela, na favela Conjunto Bento Ribeiro Dantas, a intervenção propõe uma reflexão crítica sobre as diferentes formas de poluição que atravessam o cotidiano das populações que vivem às margens de grandes vias expressas. A imagem de uma criança de colégio usando máscara de gás evidencia a contradição entre o direito à educação e o direito básico de respirar ar limpo, revelando como a poluição interfere diretamente na trajetória escolar e no desenvolvimento infantil.

Além da poluição gerada pelo tráfego intenso de veículos, a obra chama a atenção para os impactos causados pelo acúmulo e pela queima do lixo, práticas recorrentes no território. A fumaça tóxica, muitas vezes naturalizada no dia a dia, atravessa ruas, casas e escolas, comprometendo a saúde das crianças e suas condições de aprendizagem.

A obra foi pensada pelo artista Francis Silva (@francis_sikvx) e contou com a colaboração do artista convidado Kevin Vidal (@kevvidal), que contribuiu com a execução da pintura e compartilhou técnicas de grafite ao longo do processo. Ao representar um estudante adaptado a um ambiente contaminado, o mural denuncia a normalização dessas violências ambientais, que obrigam corpos em formação a conviver com condições insalubres. Elementos visuais ligados à composição química do ar reforçam que essa poluição não é invisível nem distante, e sim concreta e cotidiana.

Inserida em um espaço de circulação acelerada, a intervenção interrompe o fluxo e provoca o olhar, questionando a distribuição desigual dos impactos ambientais na cidade. Mais do que alertar, a obra convoca a reflexão sobre responsabilidade coletiva e políticas públicas, afirmando a urgência de garantir ambientes saudáveis para que crianças possam aprender, crescer e construir seus caminhos com dignidade.

Mural Compostagem

A intervenção realizada na Creche Municipal Monteiro Lobato, na favela Baixa do Sapateiro, apresenta de forma visual e sensível o ciclo da compostagem como prática cotidiana de cuidado com o território e com a vida. A arte propõe tornar visível o caminho dos resíduos orgânicos, desde o descarte até a transformação em adubo, reforçando a ideia de que o lixo não é fim, mas processo.

A ação foi realizada em parceria com o coletivo Recriando Maré e o projeto Composta Maré, integrante do LabMaré, responsável pela implantação de uma composteira e de uma horta na creche. A pintura dialoga diretamente com essa iniciativa, tornando visível o funcionamento da compostagem e fortalecendo a compreensão do processo por parte das crianças, educadoras e comunidade escolar.

O ciclo da compostagem é representado de maneira acessível, conectando alimento, terra, plantas e cuidado coletivo, e estimulando desde cedo a compreensão sobre responsabilidade ambiental e sustentabilidade. A obra também se insere como contraponto às problemáticas da poluição e do descarte de resíduos no território, apontando a compostagem como uma alternativa possível, educativa e transformadora.

Ao transformar o espaço em ferramenta pedagógica, a arte amplia o aprendizado para além da sala de aula e fortalece práticas de educação ambiental desde a infância. A arte e as pinturas foram executadas por Anna Carolina Fraga (@anna_carolinafraga), reafirmando o papel da arte como instrumento de formação, diálogo e construção de futuros mais sustentáveis dentro do território.

Como foi o desenvolvimento do projeto?

Durante o período do LabMaré, o desenvolvimento do Maré em Traços integrou pesquisa, ações participativas e práticas de experimentação artística. A primeira etapa envolveu o levantamento de informações ambientais relevantes para o território, com destaque para temas como qualidade do ar, calor extremo, áreas verdes e os efeitos desses fenômenos no cotidiano da Maré. Em paralelo, foram realizadas circulações pelo território para identificar espaços estratégicos para a execução dos murais, considerando visibilidade, fluxo de pessoas e a relação desses locais com os dados da pesquisa, de modo que cada intervenção dialogasse diretamente com as informações ambientais levantadas.

Do ponto de vista metodológico, o projeto adotou três frentes principais: tradução visual dos dados, ações participativas e experimentação artística. As ações participativas incluíram oficinas realizadas com moradores e estudantes, como a oficina de plantio para compor o mural sobre a qualidade do ar, quando discutimos a poluição atmosférica por NO_2 e seus impactos prejudiciais na aprendizagem de crianças e adolescentes. Na mesma escola, ocorreu também uma oficina de desenho imaginativo com o público infantil, que foi convidado a representar, por meio da arte, como imagina o ar que respira. Os desenhos foram integrados ao mural final, fortalecendo o caráter coletivo da obra e criando uma ponte entre ciência, percepção comunitária e expressão artística.

Entre os desafios enfrentados ao longo do processo, destacaram-se a necessidade de traduzir informações ambientais complexas de forma acessível, a escolha de locais que se articulam diretamente com os dados da pesquisa e a construção de uma linguagem visual que comunique as informações e as percepções sobre o território. Como soluções, o projeto recorreu à produção de esboços e protótipos visuais, e à testagem de diferentes abordagens gráficas até alcançar algo próximo da união entre ciência, arte e vivência comunitária.

O período do LabMaré permitiu consolidar a identidade metodológica e estética do Maré em Traços, estruturando bases sólidas para a execução dos murais e fortalecendo sua dimensão educativa, participativa e ambiental no território.

Como o projeto, a partir da Maré e suas potências, propõe possibilidades de futuro?

O Maré em Traços, ao nascer da Maré e dialogar com suas potências, propõe possibilidades de futuro ao demonstrar que informação, arte e território podem se articular para fortalecer novas formas de imaginar e cuidar do urbano. O projeto parte do entendimento de que a Maré não é apenas um conjunto de bairros; a Maré é um espaço que produz conhecimento, criatividade e práticas sociais que podem inspirar caminhos mais amplos de justiça socioambiental.

Ao traduzir dados ambientais em murais e aproximar temas como qualidade do ar, impactos da poluição e suas relações com o aprendizado e a saúde, o projeto amplia o acesso a informações que geralmente não chegam de forma clara ou acessível às periferias. Isso permite que crianças, jovens e moradores se reconheçam não apenas como receptores de dados, e sim como intérpretes e produtores de conhecimento sobre suas próprias realidades.

Os processos participativos revelam uma dimensão essencial: a transformação do território também passa pela escuta, pela colaboração e pela cocriação. Ao integrar, por exemplo, os desenhos dos alunos aos murais e ao dialogar diretamente com os dados apresentados, o projeto reforça que os futuros possíveis da cidade começam quando diferentes saberes são legitimados e colocados em circulação.

Assim, o Maré em Traços projeta futuros urbanos mais justos ao transformar a paisagem visual da comunidade em um espaço de divulgação científica, reflexão coletiva e afirmação estética. Ao ocupar paredes com narrativas que combinam arte e informação, o projeto mostra que imaginar uma cidade mais sustentável e inclusiva não é um exercício distante: é algo que pode emergir do cotidiano, da potência das escolas, das ruas e das pessoas que vivem e cuidam do território.

No fim, o projeto afirma que a construção do futuro passa por reconhecer que quem vivencia as desigualdades ambientais deve ter voz, presença e protagonismo na formulação de soluções — e que a Maré, com sua vitalidade e inventividade, é um lugar central para essa reimaginação da cidade.

Atividades realizadas:

Estudos e sistematização dos dados ambientais: leitura, interpretação e seleção dos dados sobre qualidade do ar (especialmente NO_2) e seus impactos no território, incluindo possíveis efeitos na saúde e na aprendizagem de estudantes.

•

Circulação pelo território: visitas aos possíveis pontos de intervenção para analisar visibilidade, apropriação comunitária e relação dos locais com os dados levantados.

•

Reuniões com escolas da Maré: articulação com direção, coordenação pedagógica e professores para integrar o projeto ao ambiente escolar.

•

Oficina de plantio com turma do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) da Escola Municipal Primário Erpídio Cabral de Souza (Índio da Maré): atividade para introduzir discussões sobre qualidade do ar e construir um repertório sensorial, interativo e simbólico para o mural.

•

Oficina infantil de desenho de imaginação do ar na Escola Municipal Primário Erpídio Cabral de Souza (Índio da Maré): proposta pedagógica com estudantes da educação infantil para imaginar como o ar poderia ser representado visualmente; os desenhos foram incorporados ao mural.

•

Estudos de composição e elaboração do pré-mural: construção coletiva do conceito visual com base nos dados e na identidade do território.

•

Encontros com artistas e colaboradores: troca de saberes, experimentação de técnicas e construção compartilhada do estilo visual dos murais.

•

Planejamento dos murais temáticos: identificação de novas áreas, revisão dos dados ambientais disponíveis e construção dos temas.

•

Busca por muros para realização dos murais: identificação e articulação de muros pelo território.

•

Reuniões dos coletivos: reuniões dos coletivos e com os organizadores do LabMaré.

•

Realização do mural “Para crescer é preciso respirar” na Escola Municipal Primário Erpídio Cabral de Souza (Índio da Maré) na favela Nova Holanda.

•

Realização do mural “EducAR”, realizado na Linha Amarela, na favela Conjunto Bento Ribeiro Dantas.

•

Realização do mural “Compostagem” na Creche Municipal Monteiro Lobato, na favela Baixa do Sapateiro.

•

Formação com artistas em arte com grafite: formação sobre técnicas e utilização do spray e dos materiais de grafite.

•

Mutirão de grafite.

•

Apresentação de finalização do LabMaré.

Articulações necessárias para realização do projeto:

Creche Municipal Monteiro Lobato

•

Educadores ambientais

•

Ilustradores

•

Recriando Maré

•

Escola Municipal Primário Erpídio Cabral de Souza

•

Artistas de grafite

PARA CRESCER

Participantes:

ANNA CAROLINA DA SILVA FRAGA | MARÉ, 2000

É graduanda em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Possui experiência em educação ambiental e comunitária, tendo atuado como voluntária no coletivo Eco Maré – Ações Ambientais, e no Instituto Nasci Pra Brilhar, onde desenvolveu atividades como educadora em Arte Sustentável. Foi extensionista no LUTES – Lutas Urbanas, Tecnologia e Saneamento, e atuou como Agente Climática no projeto EcoClima, da Redes da Maré. Também integrou a equipe do Instituto PROA (São Paulo) e possui formação em Programação Full Stack. Atualmente, participa do projeto CliMaré, iniciativa da Redes da Maré voltada para o monitoramento e a promoção de ações integradas nas áreas de saúde e meio ambiente no território.

BRUNA VASCONCELOS SILVA | CONJUNTO ESPERANÇA, 2001

Graduanda em Pedagogia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). É artista visual. Mareense com foco em representação de mulheres e sentimentos favelados, com experiência de exposição em equipamentos como a Areninha Cultural Herbert Vianna. Atua no projeto Impulso de Gerações, idealizado pela Fiocruz, além de participar com composições artísticas no LabMaré 2025.

FRANCIS SILVA | MORRO DO TIMBAU, 1982

Tatuador e artista visual da Maré, seu trabalho une estética urbana, espiritualidade e símbolos da cultura periférica. Atua também com muralismo e grafite, usando a arte como forma de diálogo com o território. Participou do LabMaré, desenvolvendo intervenções visuais que abordam temas ambientais e sociais do território.

MAINI DE OLIVEIRA PERPÉTUO | RIO DE JANEIRO, 1980

Professora de Urbanismo e Paisagismo, é mineira e mora no Rio de Janeiro há dez anos. Atua como professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e é pesquisadora do Laboratório de Urbanismo Tático e Intervenções Temporárias (LabIT/PROURB). Doutora em Urbanismo e mestra em Arquitetura Paisagística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LUAN RODRIGUES DOS SANTOS ALCELINO

GUARABIRA, PARAÍBA, 2000

Morador da Maré desde 2001, foi mobilizador no projeto Prodijas na Fiocruz, que tinha como meta melhorar a saúde e a educação nas comunidades. Atualmente faz parte do LabMaré para obter maior conhecimento em questões sociais na comunidade onde vive e poder trazer melhorias para o território.

PÂMELA VIEIRA MATOS | MORRO DO PINTO, SANTO CRISTO, 1990

Economista e pesquisadora em políticas urbanas, com atuação em monitoramento e avaliação de projetos.

Legendas das imagens:

1: Mural “Compostagem”, sobre compostagem e resíduos orgânicos na Creche Monteiro Lobato.
Arte: Anna Carolina Fraga (@anna_carolinafraga).

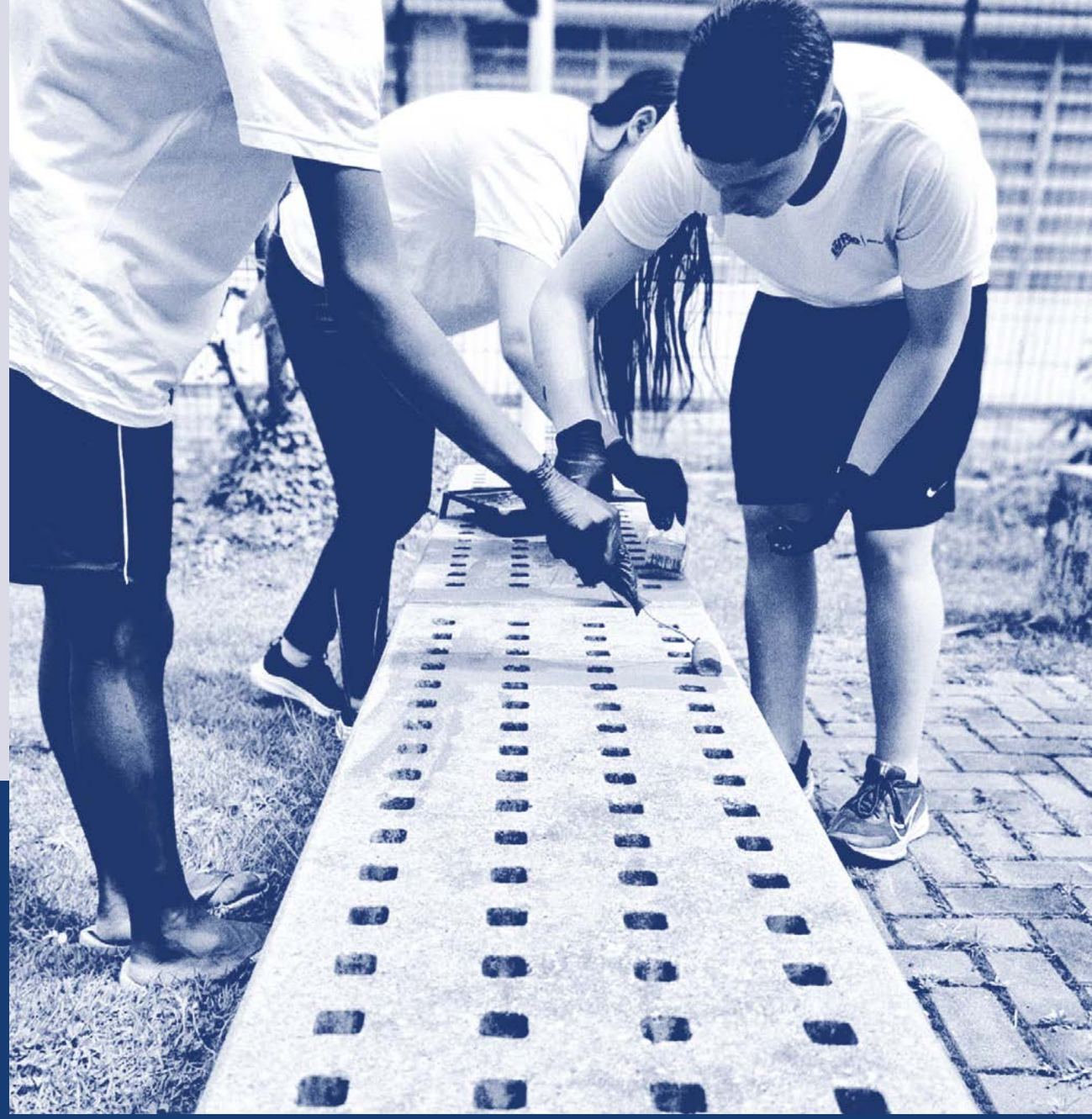
2: Detalhe do mural “Para crescer é preciso respirar”.
Arte: Bruna Vasconcelos (@anyway_bru).

3: Maini de Oliveira Perpétuo e alunos na oficina de plantio com garrafas PET para composição do mural “Para crescer é preciso respirar”.

4 e 5: Alunas com plantas durante a oficina de plantio com garrafas PET.

6: Desenho da oficina de desenho sobre o ar poluído na Maré, com as crianças da Escola Municipal Primário Erpídio Cabral de Souza (Índio da Maré).

MINHA ESCOLA MAIS BONITA



ALBANO SILVA DO NASCIMENTO
ADRIANO ALMEIDA DE LIMA
GLEICE GUILHERME CARDOSO
GABRIELI PEREIRA ARAUJO
MATHEUS MARTINS MORAES

O que é o projeto?

O projeto Minha Escola Mais Bonita propõe promover a revitalização do entorno escolar com a participação da comunidade, buscando tornar o espaço mais bonito, limpo, seguro e organizado, gerando o bem-estar dos usuários do local, a melhoria do ambiente acadêmico e a preservação do meio ambiente.

Entre os problemas mapeados dentro das escolas e no entorno escolar, no Campus Maré (Nova Holanda), estão: ausência de lixeiras, resíduos da escola sem local para depósito, recolhimento de lixo irregular, capina irregular dos canteiros, bueiros sem tampa, muro e gradil das escolas quebrados, falta de manutenção na pintura da fachada, falta de manutenção nos espaços de convivência no interior das escolas.

A partir desse diagnóstico, o projeto tem como objetivos: melhorar a infraestrutura física e ambiental do entorno escolar; promover educação ambiental, conscientização sobre sustentabilidade e preservação do espaço escolar; fortalecer a participação comunitária e a colaboração entre escolas e comunidade; contribuir para o desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida da comunidade local.

O público-alvo do projeto são os estudantes e os professores do complexo de escolas, a comunidade residente, as organizações locais e as instituições governamentais.

Entre as ações propostas estão: um comitê de sustentabilidade que envolva a comunidade escolar e local para definir metas e ações para a revitalização do entorno, principalmente no que

diz respeito à limpeza e à manutenção; desenvolvimento de ações em parceria com as escolas que garantam o conhecimento teórico sobre preservação do meio ambiente no dia a dia, ações práticas de preparação e embelezamento de canteiro, plantio e manutenção de canteiro (com mudas e sementes), utilizando, se possível, materiais reciclados.

Nesta edição, o projeto foi desenvolvido no Campus Maré (Nova Holanda), envolvendo diretamente a Escola Municipal Olimpíadas 2016 e as escolas do entorno: Nova Holanda, Omar Paiva, Lino Martins Silva e Genival Pereira Albuquerque. As intervenções realizadas incluíram a revitalização da área de convivência na Escola Municipal Olimpíadas, com pintura artística e participação dos alunos e professores, promovendo a ressignificação do espaço por meio da arte. Também foram executadas a pintura de mural no interior da escola, atividades de conscientização ambiental com entrega de mudas, além de evento cultural com apresentação do Projeto Sons da Maré.

No entorno escolar, foram realizadas articulações institucionais junto à Gerência Executiva Local do Complexo da Maré (GEL) para solicitação de melhorias urbanas, como instalação de lixeiras, reposição de tampas de bueiros e limpeza de canteiros. Paralelamente, foi iniciado alinhamento com as demais escolas para viabilizar intervenções artísticas nas fachadas, contribuindo para a melhoria estética, sensação de cuidado com o espaço público e fortalecimento do vínculo entre escola e comunidade.

Como foi o desenvolvimento do projeto?

Durante o LabMaré, visitamos o Campus Maré para mapeamento dos problemas urbanos, desenvolvemos um formulário para entrevista com as diretoras das escolas e moradores do entorno escolar, visitamos as escolas para mapeamento dos problemas, fizemos a análise dos principais problemas mapeados, indicamos os responsáveis e as possíveis ações para solução. A partir disso, realizamos reunião com professor da escola Olimpíadas para planejamento da ação, contato com a Gerência Executiva Local do Complexo da Maré (GEL) para busca de soluções para o entorno escolar, articulação com a 4ª Coordenadoria Regional de Educação, por meio dos professores da Escola Municipal Olimpíadas 2016, para autorização da pintura da fachada, e articulação com o projeto Projeto Sons da Maré para participação no 2º evento na Escola Municipal Olimpíadas 2016.

Como o projeto, a partir da Maré e suas potências, propõe possibilidades de futuro?

Com ações que unem educação ambiental, arte e cuidado com o espaço público, o projeto transforma desafios locais em oportunidades de colaboração. Esse modelo participativo, que conecta quem mora, estuda e trabalha na favela, pode ser replicado em escolas de outras comunidades, apontando para cidades mais sustentáveis e inclusivas, construídas coletivamente.

Atividades realizadas:

Revitalização da área de convivência na Escola Municipal Olimpíadas 2016, com os alunos e professores contribuindo para colorir o espaço que antes parecia sem vida, ressignificando o local por meio da arte.

•

Pintura de mural no interior da Escola Municipal Olimpíadas 2016, com participação dos alunos.

•

Conscientização sobre ecologia e entrega de mudas.

•

Apresentação do Projeto Sons da Maré.

•

Alinhamento com demais escolas sobre a proposta de intervenção com grafite nas fachadas.

•

Articulação com a GEL: solicitação de lixeiras, tampas dos bueiros e limpeza dos canteiros.

•

Pintura de muros das escolas Nova Holanda, Omar Paiva, Lino Martins Silva e Genival Pereira Albuquerque.

•

Implementação de melhorias na rua das escolas a partir da GEL.

Articulações necessárias para realização do projeto:

Corpo docente das escolas do Campus Maré, principalmente da Escola Municipal Olimpíadas 2016

•

Gerência Executiva Local do Complexo da Maré (GEL – Complexo da Maré)

•

4ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE)

•

Projeto Sons da Maré

MINHA ESCOLA
MAIS BONITA
MIGUEL
DASSA
PRI
QUEIROZ
DEYVISON
MIGUEL
JHULYE

Participantes:

ALBANO SILVA DO NASCIMENTO | RIO DE JANEIRO, 1997

Artista plástico, grafiteiro, tatuador e arte-educador. Formado pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, é morador do Complexo da Maré, com forte presença no ensino de artes e de grafite em escolas e projetos sociais. Por meio de suas atividades como arte-educador, visa trazer melhorias para o território, assim como belezas aos espaços públicos e educacionais da Maré.

ADRIANO ALMEIDA DE LIMA | RIO DE JANEIRO, 1982

Sua trajetória é marcada pela atuação em projetos sociais, culturais e educacionais, com foco crescente em agroecologia e educação popular. Possui formação em Agroecologia pela Fiocruz/ENSP, integrando conhecimentos sobre sustentabilidade, meio ambiente, práticas agroecológicas e desenvolvimento comunitário. Aliando arte, educação e transformação social, atuou como instrutor e educador em diversas frentes, ministrando aulas para adolescentes e adultos nas áreas de serigrafia, fotografia, informática básica e comunicação visual. Também possui experiência como fotógrafo, técnico de som e monitor em projetos culturais na Maré. Sua trajetória profissional une educação, cultura e sustentabilidade, com interesse especial em práticas agroecológicas, formação comunitária e iniciativas que promovam autonomia, consciência ambiental e inclusão social.

GLEICE GUILHERME CARDOSO | RIO DE JANEIRO, 1997

É moradora da Maré e educadora na área de informática. Atua na coordenação da secretaria do Instituto Vida Real, onde também desenvolve atividades nas áreas de gestão de mídias, fotografia, produção audiovisual e design, contribuindo para a comunicação institucional.

GABRIELI PEREIRA ARAUJO | RIO DE JANEIRO, 1996

Engenheira civil em formação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com trajetória acadêmica e profissional marcada pelo interesse em iniciativas de impacto social. Atualmente trabalha com gestão financeira de obras residenciais. Vinda do Complexo da Maré, leva suas origens como referência para atuar em projetos voltados para comunidades vulneráveis, incluindo sua passagem por organizações como Teto Brasil e Village Marie Haiti. Sua experiência reúne prática em campo, contato com diferentes realidades e busca por aplicar a engenharia de forma útil e acessível às pessoas.

MATHEUS MARTINS MORAES | RIO DE JANEIRO, 1997

Cria do Complexo da Maré, com trajetória profissional como educador social no Instituto Vida Real e formado como agente turístico pelo Senac. Professor de informática para adolescentes e adultos, trabalha também como autônomo em serviços de motoboy.

MINHA

Legendas das imagens:

1: Alunos iniciando a pintura dos bancos da área de convivência.

2: Mural finalizado.

3: Grafiteiro explicando a proposta aos alunos.

4: Finalizando a pintura coletiva da área de convivência.

5: Alunos grafitando uma parede da escola.

6: Equipe que ajudou a produzir as oficinas.

7: Orquestra do Vida Real em evento de celebração.

MUSEU A CÉU ABERTO

COLETIVO MARÉ CREW
LARISSA FERNANDES
JOÃO PEDRO
ZEZO [EVERTON]
MARIA LUCILDA
NATHÁLIA SÃO LAZARO DOS SANTOS

O que é o projeto?

O projeto propôs a criação de um Museu a Céu Aberto na Maré, com o intuito de transformar o território em uma galeria urbana viva, por meio de intervenções artísticas que dialoguem com a vivência no território e a potência criativa dos próprios moradores. Com foco na arte urbana (grafite, muralismo, lambe-lambe), a proposta foi ocupar um muro de cerca de 128 metros de extensão e mais de 3 metros de altura, que fica na rua Ivanildo Alves, ao lado do valão, em torno de duas escolas municipais, entre a rua Principal e a rua Tancredo Neves. O propósito principal foi fortalecer vínculos comunitários por meio da arte durante os meses de janeiro e fevereiro de 2026.

Elaborado para se situar na região conhecida como “divisa”, o Museu a Céu Aberto propõe romper com o histórico de medo e violência que abrange a área, trazendo a arte como antídoto. Para isso, foram promovidos mutirões de infraestrutura para limpeza da área, colocação de pergolado para receber o Memorial Tia Vera, um chuveirão para as crianças e mutirões artísticos, com artistas locais e externos ocupando a área com as mais diversas formas de arte a céu aberto e para todos.

O propósito é a valorização da arte urbana e da cultura periférica, promovendo o protagonismo dos moradores e a ocupação criativa do território. Com o projeto, o intuito é que os muros da Maré contem histórias, inspirem novos olhares e fortaleçam os laços comunitários por meio da arte. A iniciativa oferece um legado visual e afetivo, reafirmando a potência criativa da Maré como território de cultura e resistência.

Como foi o desenvolvimento do projeto?

Durante os encontros do LabMaré, o projeto Museu a Céu Aberto fechou uma parceria com outro projeto, Requalificação do Entorno da Praça da Paz, dividindo tarefas e somando forças, já que ambos têm como objetivo intervir na mesma região do território: a “divisa”. A parceria entre os projetos durante os encontros do LabMaré se deu da seguinte forma: enquanto a equipe do Requalificação do Entorno da Praça da Paz cuida da parte de infraestrutura para o local, o Museu a Céu Aberto se coloca à frente na articulação e mobilização territorial necessária para a intervenção, somando com a ocupação artística do local, trazendo como resultado o uso e a apropriação do espaço por moradores.

O planejamento para o mutirão previu uma chamada pública para artistas de dentro e fora da Maré, com interesse em ocupar o muro e o espaço do museu com diversos tipos de arte para exposição a céu aberto, como por exemplo: intervenções de grafite, muralismo e lambe-lambe no muro; atividades culturais como música, dança, serigrafia, confecção de pipas; instalação de chuveirão para o lazer das crianças da região e pergolado para proteger as obras de arte do Memorial Tia Vera.

Memorial Tia Vera – Honrando Caminhos

O Memorial Tia Vera nasceu como uma homenagem às pessoas que constroem e construíram movimentos fundamentais dentro do território da Maré. Em contraponto direto ao memorial localizado do outro lado da calçada — que homenageia pessoas que perderam suas vidas vítimas da violência armada —, o Memorial Tia Vera propõe outro gesto de memória: celebrar a vida, a permanência e a contribuição afetiva dentro do território.

Este memorial reconhece pessoas que, por meio do trabalho, do cuidado, da cultura, da organização comunitária e da resistência cotidiana, ajudaram e contribuíram para a formação da identidade mareense. A figura que dá nome ao memorial, Tia Vera, carrega um significado simbólico. Além de ser a avó materna dos integrantes do coletivo Maré Crew, Tia Vera foi uma das primeiras pessoas a chegar para morar no território de Nova Maré. Sua trajetória representa as bases da construção do território: cuidado, persistência e criação de raízes. O Memorial Tia Vera também homenageará outras figuras importantes da Maré, como “Tio Paulinho da Lona” e “Rei do Cloro”, reconhecendo seus papéis na vida cotidiana, na economia local, na cultura e na memória coletiva. São pessoas que marcaram gerações e seguem vivas na prática. Mais do que um espaço físico, o Memorial Tia Vera se propõe como um marco simbólico de valorização da vida mareense, reafirmando que a memória da favela não é feita apenas de ausências e perdas, é também feita de presenças, histórias de construção e legados em movimento. É um memorial para olhar para quem está vivo, agradecer, reconhecer e garantir que essas histórias sigam sendo contadas.

A equipe realizou visitas técnicas ao local para fazer um mapeamento das necessidades de infraestrutura para o museu. Na primeira visita foi constatado que o muro possui 128 metros de extensão e 3,15 metros de altura. Antes do início das ações do projeto, a região se encontrava sem uso, com pouca iluminação, fechada por tapumes, sujeita a alagamento e sem pavimentação adequada.

Após as visitas técnicas, foram mapeadas as carências com relação à infraestrutura local e, a partir disso, foram definidas as prioridades de intervenções a serem feitas para o bom uso do espaço. São elas: caminho de brita/saibro; guarda-corpo nos espaços limítrofes do valão; pergolado cobrindo o Memorial Tia Vera; passarela ligando as casinhas ao Museu; paisagismo.

Como já citado anteriormente, os projetos Museu a Céu Aberto e Requalificação do Entorno da Praça da Paz se uniram para pensar e elaborar as ações conjuntamente. Essa parceria foi construída a partir do reconhecimento de que ambos atuavam sobre a mesma área do território e compartilhavam o objetivo comum de transformar um espaço historicamente marcado pela violência e pela falta de uso em um lugar de permanência, encontro e pertencimento comunitário. Desde os primeiros diálogos, os projetos compreenderam que a articulação entre infraestrutura urbana e ocupação cultural seria fundamental para garantir a apropriação social do espaço e a sustentabilidade das intervenções no tempo. Tanto o projeto de Requalificação do Entorno da Praça da Paz necessitava apreender as demandas dos moradores da região para entender de que forma as intervenções que estavam propondo para o espaço seriam apropriadas pelos moradores, como o Museu a Céu Aberto

precisava pensar um tipo de projeto expográfico que, além de valorizar as obras de arte, também transformasse aquele espaço num lugar de permanência, propício para a contemplação e apreciação das intervenções artísticas.

O projeto de Requalificação do Entorno da Praça da Paz é composto de pessoas de fora da Maré, o que se tornou um empecilho na hora de fazer as articulações necessárias dentro do território para a sua implementação. Diante disso, o projeto Museu a Céu Aberto tomou a frente das articulações territoriais e do diálogo com moradores, entidades políticas e órgãos públicos para que pudessem dar prosseguimento às ações.

Nesse arranjo colaborativo, o Requalificação do Entorno da Praça da Paz assumiu a frente das intervenções de infraestrutura, sob a orientação de Natália Lázaro, engenheira que integra o projeto Museu a Céu Aberto, realizando o planejamento e a execução de melhorias urbanas essenciais: chuveirão para o público infantil, pergolado para a proteção do Memorial, reativação da iluminação pública e adequações que garantem acessibilidade, segurança e conforto. Natália fez a ponte entre os dois projetos, apresentando as necessidades técnicas do museu, colaborando com os arquitetos da Praça na elaboração dos desenhos e articulando mão de obra e materiais para a implementação das obras.

Paralelamente, o projeto Museu a Céu Aberto atuou na articulação territorial, mobilização comunitária e curadoria artística, promovendo chamadas públicas para artistas, diálogo com moradores, agentes territoriais e parceiros locais, além da concepção das ocupações artísticas e culturais que dão sentido

simbólico e narrativo ao espaço requalificado. Sem esse trabalho, que só foi possível a partir da expertise da equipe do Museu a Céu Aberto em conhecer pessoas-chaves e promover espaços de diálogo e apresentação das propostas, não seria possível conseguir as devidas autorizações para dar prosseguimento às intervenções desejadas por ambos os projetos.

A cooperação entre os projetos se materializou tanto no planejamento conjunto quanto na execução integrada das ações, especialmente durante os mutirões, que combinaram obras físicas, atividades culturais e encontros comunitários. Essa parceria permitiu que a infraestrutura não fosse tratada como um fim em si mesma, e sim como suporte para a criação de um museu vivo, aberto e enraizado no território, enquanto a arte deixou de ser apenas uma intervenção estética para se tornar estratégia de uso, proteção e permanência do espaço público. Assim, a atuação conjunta fortaleceu redes locais, potencializou recursos, ampliou impactos e consolidou um modelo de intervenção urbana e cultural baseado na cooperação, no protagonismo comunitário e na construção coletiva da cidade.

Em termos de dificuldades encontradas ao longo do processo, tivemos um pequeno contratempo com as escolas que correspondem ao muro que recebeu a intervenção. Mediante os prazos para a implementação das ações, a equipe reduzida e a alta demanda relacionada à produção do evento, a equipe do Museu a Céu Aberto fez um diálogo tardio com as escolas do entorno. Recebemos uma notificação de que a direção de uma das escolas teria acionado órgãos competentes para averiguar a ação, pois estava presenciando obras muito próximas das escolas sem ter sido avisada do que se tratava. Em seguida,

a equipe do Museu a Céu Aberto, que já vinha realizando as articulações com órgãos da prefeitura, associações de moradores e demais entidades envolvidas, conversou com a direção das escolas CIEP Elis Regina e Samora Machel, apresentando o projeto e o coletivo por trás dele. Nossas ações e propostas foram muito bem recebidas pelas direções, o que culminou numa aliança para futuras intervenções artísticas e oficinas para as crianças das escolas.

Nosso mutirão, que aconteceu dia 1º de fevereiro de 2026, contou com: café da manhã reforçado para os artistas que se voluntariaram para participar da ação; brinde de uma ecobag e uma serigrafia com arte do Maré Crew; oficina de Passinho (Funk) para o público infantil; oficina construção de pipas para o público infantil; cobertura fotográfica, audiovisual e drone para contemplar todas as obras; DJs e atrações musicais.

Como perspectivas de futuro para o projeto, destacam-se: oficinas de arte-educação com crianças das escolas que compõem o Muro, envolvendo-as nas ações do coletivo, pois entendemos a necessidade de dialogar constantemente com as escolas que atendem o público da região; oficinas de arte-educação no Museu com público de escolas de diferentes territórios, promovendo a ressignificação da “divisa” como espaço de encontro e não mais como lugar de conflito; captação de recursos por meio de outros editais de fomento para implementar a ponte provisória que liga a rua Ivanildo Alves ao outro lado do valão, onde se localiza o Museu. Essa ponte foi pensada durante os encontros do LabMaré, mas não foi possível, dentro do nosso orçamento, executá-la.

Outras parcerias:

O Museu contou também com a parceria da Areninha Cultural Herbert Vianna, que serviu como ponto de hidratação, apoio e base para a equipe, artistas e equipamentos. Importante destacar, ainda, que as parcerias que fizeram o projeto acontecer não foram apenas institucionais. No dia do nosso mutirão, também contamos com a colaboração de moradores e comércios locais, como é o caso de moradores que emprestaram escadas e outros equipamentos úteis para os artistas, bem como do depósito que fica ao lado Areninha, que forneceu água, cerveja e refrigerantes para o público do evento.

Como o projeto, a partir da Maré e suas potências, propõe possibilidades de futuro?

A arte é uma frente de reconhecimento importante, e, para artistas favelados, isso é questão de sobrevivência: ser artista dá o poder de circular em diferentes territórios e sair vivo. Assim, a criação do Museu a Céu Aberto mostra como ressignificar um (não) lugar marcado pela violência. A criação de um Museu na "divisa" entre a Nova Holanda e a Baixa do Sapateiro, favelas que são ocupadas por redes ilícitas rivais, lida não apenas com a criação de um projeto expográfico voltado para a valorização das obras e para a construção da narrativa que se quer criar, mas também necessita de uma ação de infraestrutura. O museu marca a primeira ação de infraestrutura do coletivo Maré Crew, pois é necessário demarcar a ocupação do espaço como algo permanente e não apenas realizar um mutirão de grafite. Isso quer dizer transformar a "divisa", marcada pela violência que a caracteriza como um não lugar, em um espaço de permanência. Esse movimento transforma a memória e a experiência coletiva sobre o local.

Atividades realizadas:

Visita técnica para mapear as necessidades do local antes da realização da intervenção artística e urbanística.

•

Levantamento de artistas locais e parceiros culturais.

•

Definição da equipe técnica e curadoria artística.

•

Elaboração da identidade visual e plano de comunicação.

•

Planejamento logístico e orçamentário.

•

Mutirões para trabalho artístico e de infraestrutura.

Articulações necessárias para realização do projeto:

Gerência Executiva Local – Complexo da Maré (GEL)

•

Moradores

•

Associação de Moradores da Nova Holanda e Nova Maré

•

Areninha Cultural Herbert Vianna

Participantes:

COLETIVO MARÉ CREW

Maré Crew é um coletivo de jovens mareenses que movimenta a Arte Urbana na Maré por meio da técnica do grafite (Stencil). O interesse do grupo começou quando ocorreu uma oficina de grafite na antiga Lona Cultural da Maré, arte com a qual os jovens se identificaram. Logo depois, no ano de 2017, decidiram juntos criar o coletivo Maré Crew, e assim dar continuidade aos encontros e ensinar outros jovens da Maré. No começo, para manter o coletivo, o grupo produziu camisas com estampas para vender, arrecadar verbas e divulgar o trabalho. Desde então, o coletivo tem desenvolvido ações que fortalecem o vínculo entre arte e território, utilizando a arte como ferramenta de expressão e diálogo social. Além das intervenções urbanas, o grupo também realiza oficinas, exposições e produção de materiais estampados, como forma de se sustentar financeiramente e difundir suas criações. Mais do que um coletivo de arte urbana, o Maré Crew se afirma como um movimento de educação popular e resistência cultural, no qual o fazer artístico é entendido como um gesto político, comunitário e transformador.

LARISSA FERNANDES | NOVA MARÉ, 1999

É artista e educadora, cria do Conjunto de Favelas da Maré, graduanda de Artes Visuais na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Articuladora cultural no

território da Maré, desenvolve ações voltadas para a arte-educação para o fortalecimento artístico e cultural de crianças e adolescentes. Atualmente é gestora do Coletivo Maré Crew.

JOÃO PEDRO | NOVA MARÉ, 2000

É engenheiro de software, educador e palestrante de tecnologia, com MBA pela Universidade de São Paulo. Tem o objetivo e o sonho de aprender e multiplicar o conhecimento em tecnologia e transformar vidas. É cria da Nova Maré e integrante do coletivo Maré Crew.

ZEZO [EVERTON] | NOVA MARÉ, 1996

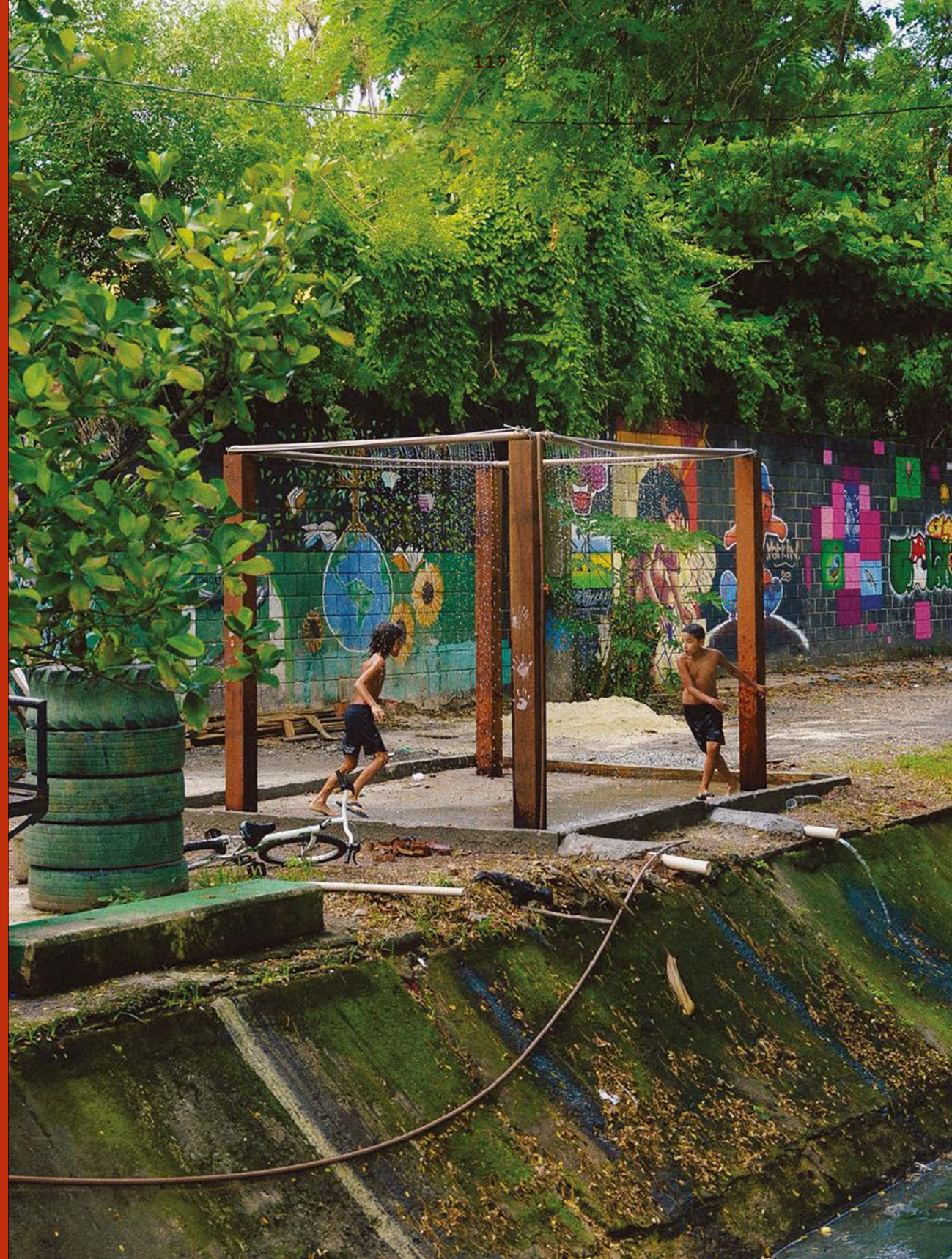
Cria da Maré, atua como artista visual, fotógrafo e poeta, utilizando a arte como ferramenta de expressão, memória e potência periférica. Atualmente, integra o coletivo Maré Crew, desenvolvendo trabalhos que dialogam com identidade, território e cultura urbana.

MARIA LUCILDA | CAUCAIA, CEARÁ, 1997

É cearense, moradora da Maré. Artista e antropóloga, não necessariamente nessa ordem. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, atriz na Escola Livre de Arte e Cultura Entre Lugares Maré. Pesquisadora no Eixo Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça da Redes da Maré.

NATHÁLIA SÃO LAZARO DOS SANTOS | BAIXADA FLUMINENSE, 1995

É graduada em Engenharia Civil, autora do artigo "EngenhÁrea", projeto piloto que apresenta diretrizes para a atuação de graduandos de engenharia em áreas carentes. Integra a equipe curatorial do Museu Mãe Aninha Oba Biyi (M.Obá), museu de terreiro localizado em Itaipu, Niterói.



Legenda das imagens:

1: Museu a Céu Aberto. Artista: Thúlio Monteiro. Fotografia: @commarinhoo.

2: Museu a Céu Aberto. Artista: @iamêraisa. Fotografia: @commarinhoo.

3: Chuveirão em parceria com o projeto Requalificação do Entorno da Praça da Paz. Fotografia: @commarinhoo.

4: Oficina de pipa. Fotografia @commarinhoo.

5: Museu a Céu Aberto. Técnica: Stencil. Fotografia: @commarinhoo.

6: Oficina de passinho. Fotografia: @commarinhoo.

7: Construção do Museu a Céu Aberto. Fotografia: @commarinhoo.

PELAS MARÉS

COLETIVO PAPO DE LAJE
RICK XAVIER
LUANA DOMINGOS
JHON MONTEIRO
SENDY SILVA
LUYD CARVALHO
ANNE LOISE
SANDRA SANTOS
BRUNO LANDY
CAIO FRANÇA
ANDREY SILVA
VITÓRIA CASAIS

ARTISTAS RESIDENTES NO PROJETO
DENTRO DO ENCRUZILHADA DE CRIAÇÃO
E AÇÕES PONTUAIS:

KAELÍ YORÁ, PEDRIN, ARCASI, CELSO CANDIDO, JOSILENE DE JESUS, MILLU ALMEIDA, ALINE OLIVEIRA, KLEY HUDSON, SAMARA ALVES, LUIZ DIAXPA, LENI SERRA, MAXI TOMAZ, PET ANTONIO, JEDAI, ABEBE, MJOTA, MICHELLY SILVA E DINARA CARNEIRO.

O que é o projeto?

Pelas Marés – Arte em Fluxo pelo Corpo da Favela é uma ocupação artística, pedagógica e territorial que fortalece os processos de memória, movimento, saberes e narrativas próprios dos moradores da Maré. É um projeto que nasce da compreensão de que a favela é um espaço pulsante de criação, onde a arte não é separada da vida: ela é prática cotidiana, resistência e continuidade ancestral.

A proposta articula arte-educação, dança, performance, audiovisual e escuta comunitária para construir ações que mobilizam moradores, artistas e educadores em um processo vivo de experimentação. O projeto entende o corpo como arquivo, território e tecnologia ancestral, e a favela como fluxo, travessia e potência criativa.

O projeto é realizado pelo Coletivo Papo de Laje e feito por artistas da própria Maré, educadores, moradores, parceiros culturais, articuladores comunitários, fotógrafos, performers, artistas de diversas linguagens que se conectam às ações.

O projeto é destinado a moradores da Favela da Maré e de outras partes da cidade, a jovens, crianças e adultos de todas as idades. Ao mesmo tempo, o projeto também é um espaço de autoformação do próprio coletivo, fortalecendo seus vínculos internos e ampliando a capacidade de atuação.

A favela produz conhecimento, história e memória, mas segue sendo um território invisibilizado, violado e frequentemente lido por narrativas externas. Nossa história precisa ser construída e contada por nós. Pelas Marés nasce para fortalecer o direito à

arte, à existência, ao registro das memórias e à narrativa, à autonomia dos corpos que vivem a Maré. Existimos porque a arte na favela é potência e política, o nosso corpo é arquivo vivo e precisa ser valorizado. Temos urgência em criar fluxos que rompam apagamentos históricos, nossa juventude e nossas crianças precisam ser atravessadas por experiências que as aproximam de suas histórias e precisamos falar sobre a memória do nosso território, contada pelas nossas próprias narrativas.

O projeto é também um gesto de continuidade ancestral: honrar quem veio antes para preparar o caminho para quem virá.

Como foi o desenvolvimento do projeto?

Durante o LabMaré, o projeto se estruturou como um processo de pesquisa-ação, combinando escuta, experimentação, corpo e território. Entre os principais pontos do desenvolvimento, está a metodologia que criamos de forma coletiva a partir de rodas de conversas, pequenos laboratórios de pesquisa, participação em espetáculos e/ou ações culturais, mapeamento afetivo dos fluxos da favela com os pequenos trajetos em becos, encruzilhadas e espaços de grande fluxo, laboratórios de criação com artistas locais, produção colaborativa com cada participante como cocriador de propostas, exercícios de escrita, registro fotográfico e audiovisual, travessias performativas com a equipe de artistas colaboradores do coletivo Papo de Laje.

Dentro disso, criamos estratégias: estar nas ruas do território antes de falar sobre ele, criar alianças com lideranças locais, escolas, artistas e moradores, trabalhar em ciclos de escuta, experimentação, criação e devolutiva, e por fim produzir materiais para circulação e memória em formato de vídeos, textos e fotografias.

Nossas alianças têm fortalecido nossa atuação e construção coletiva; sendo assim, potencializamos nossas ações por meio do processo colaborativo com moradores e educadores da Maré, projetos culturais locais, espaços comunitários e públicos que acolhem as práticas e a participação de artistas convidados.

Como o projeto, a partir da Maré e suas potências, propõe possibilidades de futuro?

A partir da Maré, território de invenção cotidiana, o coletivo Papo de Laje entende a cidade como um espaço que precisa ser recriado com base nas vozes, saberes e práticas de quem a vive. Nosso projeto parte das potências culturais, afetivas e criativas da comunidade para construir caminhos de formação, encontro e produção artística que ampliem o direito à cidade.

Ao promover cine-debates, oficinas artísticas, rodas de conversa e processos de criação coletiva, buscamos fortalecer vínculos, estimular pensamento crítico e valorizar narrativas do território. Assim, a Maré deixa de ser vista apenas pelos desafios e passa a ser reconhecida como lugar de produção de conhecimento, cultura e futuro.

Propomos, portanto, uma cidade mais diversa, sensível e participativa, onde as favelas não estão à margem, mas sim no centro da criação de novas possibilidades de vida coletiva.

Atividades realizadas:

Encruzilhada de Criação: encontros periódicos de experimentação artística e troca de saberes entre artistas e educadores, mobilizando ideias, corpos e narrativas do território como matéria de criação.

•

Papo de Pesquisa (Núcleo de Pesquisa Continuada): vivências, caminhadas, escutas e observações em diferentes áreas da Maré que alimentaram os processos criativos do projeto.

•

Oficina de Pintura Artística: vivência prática de pintura voltada para o empreendedorismo para atuar em festas infantis, eventos culturais e projetos que necessitam de pintura artística.

•

Oficina “Cores e Contornos”: atividade de artes visuais voltada para a experimentação com cores, formas e narrativas por meio do desenho e do grafite.

•

Ritmos de Verão: ações corporais abertas que promovem movimento, bem-estar e encontros comunitários por meio da dança.

•

Ritmos com Ritminhos – Misturando Gerações: vivência intergeracional de musicalização e movimento, promovendo troca de saberes entre crianças, jovens e adultos.

•

Contação de História – Cabelo bom é o quê?: atividade educativa infantil com narrativas afro-brasileiras, abordando, de forma lúdica, identidade, autoestima e pertencimento.

•

Contação de História – Exu Conta: ação voltada para o público infantil, utilizando a oralidade e os saberes afrodiaspóricos para estimular imaginação e conhecimento cultural.

•

Bate-papo com artista convidado: roda de conversa com artista externo, promovendo troca de experiências, formação crítica e ampliação de repertório.

•

Reuniões de alinhamento da equipe: encontros internos de planejamento, organização e fortalecimento dos processos coletivos do projeto.

•

Mutirão – Ocupa Papo de Laje: ação coletiva de cuidado, organização e ativação do espaço cultural, com participação da comunidade.

•

Brota aqui na Laje: encontro cultural aberto para convivência, apresentações artísticas e fortalecimento dos vínculos comunitários.

•

Performance – O Casco: ação cênica que investiga memória, proteção e ancestralidade a partir do corpo em estado performativo. Com Anne Loise.

Performance – Omi Ewé: dança das folhas: performance inspirada em saberes afro-brasileiros, conectando corpo, natureza e espiritualidade. Com Abebe.

•

Performance – Por que “favelar” e não “dançar”?: investigação performativa sobre linguagem, território e a afirmação do corpo favelado como produtor de conhecimento. Com Luiz Diaxpa.

•

Performance “Heranças”: criação cênica sobre ancestralidade, memória e transmissão de saberes entre gerações. Com Rick Xavier.

•

Noite Preta Mareense: evento cultural de celebração da cultura preta da Maré por meio da música, da performance e do encontro comunitário.

•

Desfile “Às 16 Marés – Moda, Corpo e Território”: desfile-performance que articulou moda, identidade e pertencimento a partir das 16 favelas da Maré.

•

Revista Papo de Laje (on-line) – “Entre favela, afeto e criação”: publicação independente com registros, reflexões e imagens das ações do coletivo, afirmando a favela como espaço de produção de conhecimento, arte e memória.

•

Imersão de Formação do Papo de Laje: encontro interno de estudo, cuidado e fortalecimento do grupo realizador, voltado para troca de saberes, alinhamento metodológico e nutrição coletiva dos processos do projeto.

•

Exposição Maré que vemos: mostra artística com olhares de artistas da Maré sobre o cotidiano dos moradores e os fluxos dos territórios que ocupam.

•

Cortejo Desce da Laje: cortejo artístico pelas ruas da Maré, promovendo ocupação cultural do espaço público e diálogo com os moradores.

•

Inauguração do Espaço Multilinguagem Papo de Laje: abertura oficial do espaço cultural, marcando a consolidação de um território de criação, formação e convivência artística na Maré.

Articulações necessárias para realização do projeto:

Águas do Rio
•
Associação de Moradores da Rubens Vaz
•
Associação do Parque Ecológico
•
Biblioteca Municipal Jorge Amado
•
Pensão 50 Dons de Negra
•
Papo de Laje Produções
•
Centro de Artes da Maré
•
CIEP Ministro Gustavo Capanema
•
Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro
•
Gerência de Território e Cidadania Cultural
•
Gerência de Projetos Pedagógicos Extracurriculares

Propostas para o futuro do coletivo:

Fortalecer o que já é potência; dar continuidade ao Papo de Pesquisa e ao Cine Lajeade com bate-papo como espaços permanentes de formação e diálogo; consolidar oficinas fixas de dança, teatro, música, pintura, desenho e contação de histórias, garantindo um processo contínuo e vínculo com o território; ampliar formações em empreendedorismo e manter as residências artísticas como eixo de troca e criação; e, sobretudo, assegurar que o Espaço Multilinguagem siga sendo ocupado pelo território e para o território, vivo, coletivo e em movimento.

PELAS

Participantes:

COLETIVO PAPO DE LAJE

É formado por artistas e educadores da Favela da Maré, no Rio de Janeiro, fundado em 2019 a partir da atuação de seu idealizador e diretor, Rick Xavier, artista, educador e morador do território. Com base comunitária, o coletivo desenvolve projetos que articulam arte, educação e pesquisa territorial como ferramentas fundamentais para a construção de memória, identidade e fortalecimento de territórios coletivos. Sua atuação se estrutura a partir de práticas colaborativas e horizontais, desenvolvidas em diálogo direto com os saberes da Maré, por meio de frentes de pesquisa territorial, ocupação de espaços e ações artístico-pedagógicas, realizadas nas ruas, nas escolas e em espaços culturais da Maré. O Papo de Laje valoriza e amplia a visibilidade de produções que nascem na favela, reafirmando o território como espaço legítimo de criação, formação e produção de conhecimento.

RICK XAVIER | MARÉ, 1995

Artista, educador e gestor cultural. Licenciatura em Dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) / Escola Livre de Dança da Maré e formação técnica em Administração. Diretor e idealizador do Coletivo Papo de Laje, atua na criação, gestão e produção de projetos que articulam arte, educação e território, com circulação nacional e internacional. Rick Xavier pesquisa o corpo como território político e poético, no qual memória, identidade e ancestralidade se movem entre a favela e o mundo.

LUANA DOMINGOS | CAVALCANTI, 1991

Artista e arte-educadora. Bacharelado em Dança Contemporânea pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Diretora do Coletivo Papo de Laje, arte-educadora na Escola Livre de Dança da Maré e atriz no Projeto Entre Lugares – Museu da Maré. Luana Domingos constrói práticas artísticas e pedagógicas voltadas para a valorização da cultura preta e a criação de espaços de escuta e cuidado.

JHON MONTEIRO | MARÉ, 2000

Ator e bailarino. Formação em dança na Escola Livre de Dança da Maré e em Teatro pelo Polo Educacional Sesc. Atua em criações teatrais e pesquisas corporais, integrando projetos artísticos no Brasil e no exterior. Jhon Monteiro pesquisa o corpo como território de descoberta, expressão e ampliação de futuros possíveis.

SENDY SILVA | MARÉ, 1968

Artista e dançarina. Formação em processos artísticos comunitários. Atua como intérprete, assistente de produção e coreografia em projetos de dança, com participação em espetáculos e residências artísticas nacionais e internacionais. A dança de Sendy Silva carrega memórias, atravessamentos e a força de mulheres que constroem caminhos a partir do território.

LUYD CARVALHO | NOVA MARÉ, 1997

Produtor cultural e gestor. Formação em Produção Cultural, Gestão de Projetos (SESI/FIRJAN) e P.A.R.T.S. (Bruxelas). Colaborador via edital LabMaré. Diretor executivo da Produtora Okin, atuando em projetos culturais e sociais. Luyd Carvalho atua na estruturação de processos que garantem sustentabilidade, circulação e permanência das criações artísticas.

ANNE LOISE | DUQUE DE CAXIAS, 1998

Artista e arte-educadora. Graduação em Dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pós-graduação em Arteterapia (em curso). Integra o Coletivo Papo de Laje e atua como artista visual e educadora no Ateliê Popular de Arte da Maré. Entre corpo, bordado e memória, Anne Loise investiga o fazer artístico como gesto de cuidado e ancestralidade.

SANDRA SANTOS | DUQUE DE CAXIAS, 1970

Bibliotecária e educadora. Graduação em Biblioteconomia (UNIRIO) e especialização em Administração de Bibliotecas. Gestora da Biblioteca Municipal Jorge Amado, atua com mediação de leitura e literatura infantojuvenil negra na Maré. Sandra Santos dedica sua trajetória à democratização do acesso à leitura e à preservação das memórias do território.

BRUNO LANDY | VILA DOS PINHEIROS, MARÉ, 1999

Modelo e artista. Formação profissional em modelo e passarela. Atua em editoriais e desfiles de moda e integra a equipe da Areninha Cultural Herbert Vianna atuando no Administrativo. Bruno Landy constrói sua presença artística a partir da autenticidade, da estética periférica e da força do território.

CAIO FRANÇA | FOGO CRUZADO, MARÉ, 1988

Fotógrafo popular. Formação pelo programa Imagens do Povo (2024). Responsável pela fotografia e comunicação visual do Coletivo Papo de Laje. Caio França registra o cotidiano e as ações do coletivo, transformando imagem em memória e narrativa de resistência.

ANDREY SILVA | VILA DOS PINHEIROS, MARÉ, 1996

Ator e bailarino. Formação em Dança pela Escola Livre de Dança da Maré e bacharelado em Dança (UFRJ – em curso). Intérprete-criador da Lia Rodrigues Companhia de Danças, com atuação em criações e turnês nacionais e internacionais. Andrey Silva investiga o corpo em estado de coletividade, explorando limites, afetos e deslocamentos.

VITÓRIA CASAIS | VILA ISABEL, 2000

Educadora e fotógrafa. Graduação em Letras-Português e Espanhol pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Integrante do Coletivo Papo de Laje e diretora do Instituto Elisa Fernandes, atuando em projetos culturais, educativos e comunitários. Entre palavra e imagem, Vitória Casais constrói narrativas sensíveis que revelam o cotidiano como potência e memória.

Artistas residentes no projeto dentro do Encruzilhada de Criação e ações pontuais:

Kaelí Yorá, Pedrin, Arcasi, Celso Candido, Josilene de Jesus, Millu Almeida, Aline Oliveira, Kley Hudson, Samara Alves, Luiz Diaxpa, Leni Serra, Maxi Tomaz, Pet antonio, Jedai, Abebe, Mjota, Michelly Silva e Dinara Carneiro.

PAPO
DE
LAJE

BIBLIOTECA MUNICIPAL JOR ADO

PAPO
DE LAJE

Legenda das imagens:

1: Performance “O casco da artista”, de Anne Loise. Fotografia: Vit Casais.

2: Performance “Heranças”, do artista Rick Xavier. Fotografia: Caio França.

3: Oficina “Cores e Contornos”, com os artistas Mjota e Pedrin. Fotografia: Caio França.

4: Performance “O Casco”, com a artista e lajeade Anne Loise. Fotografia: Caio França.

5: Último encontro do Encruzilhada de Criação com artistas da Maré. Fotografia: Aline Oliveira.

6: Café da manhã com a turma de Ritmos de Verão, com os artistas Rick Xavier e Sendy Silva. Fotografia: Anne Loise.

7: Espaço multilinguagem Papo de Laje sendo preparado para sua inauguração. Fotografia: Rick Xavier.

8: Exposição “Marés que Vemos”, dos artistas Vit Casais, Caio França e Anne Loise. Fotografia: Caio França.

9: Grupo de artistas que participaram do Encruzilhada de Criação e realizaram atividades culturais no Projeto Pelas Marés. Fotografia: Caio França.

10: Noite Preta Mareense na Laje, com o coletivo de Lajeades. Fotografia: Caio França.

REQUALI-FICAÇÃO DO ENTORNO DA PRAÇA DA PAZ

CAMILA DE CASTRO DE SOUZA
JESSICA DE CASTRO SANTANA
PEDRO MARCELINO DA SILVA DE SOUSA

O que é o projeto?

O projeto propõe a requalificação/reforma da Praça da Paz e seu entorno. Com a aprendizagem, a escuta e as trocas proporcionadas pelo processo do LabMaré, ficou decidido atuar na área entre a via Evanildo Alves e a Tancredo Neves. O objetivo, em conjunto com o coletivo Maré Crew, é proporcionar apropriação e pertencimento ao espaço público, com melhorias urbanas e acesso à cultura a partir da exposição Museu a Céu Aberto. O projeto é destinado às comunidades Nova Maré, Baixa do Sapateiro, Parque Maré e Nova Holanda, e especialmente aos moradores do entorno da Praça da Paz.

As principais problemáticas identificadas incluem a pavimentação precária, composta de restos de manta asfáltica e lama, resultando em uma superfície irregular e de difícil circulação; a coleta de resíduos insuficiente, que provoca o transbordamento das lixeiras e o despejo de lixo no valão; a grande distância entre os pontos de conexão entre os dois trechos da rua; o estado de conservação inadequado dos brinquedos, do mobiliário urbano e da praça como um todo, evidenciando a necessidade de manutenção contínua.

Durante o período do LabMaré, o desenvolvimento do projeto adotou como metodologia um processo participativo, pautado pelo diálogo com diferentes frentes da sociedade civil, especialmente por meio da escuta ativa junto ao grupo Museu a Céu Aberto, composto de moradores da Nova Maré. As estratégias envolveram tentativas de articulação com o CIEP Elis Regina, sem retorno efetivo; e com a Areninha Cultural Herbert Vianna, cujo diálogo se mostrou viável,

embora os diferentes tempos de atuação tenham dificultado a consolidação de uma parceria naquele momento. A principal frente de cooperação estabeleceu-se com o projeto Museu a Céu Aberto, que já realizava intervenções na mesma localidade, possibilitando a construção conjunta de demandas, prioridades e encaminhamentos, e com a Gerência Executiva Local (GEL), que se comprometeu com a manutenção do espaço e suas infraestruturas, somando forças à iniciativa. As alianças incluem, também, a contratação de mão de obra local, parceiros do comércio do entorno e a Areninha, que recebeu o material necessário para a obra, funcionando como um importante intermediário. Entre os principais desafios enfrentados, destacam-se o tempo reduzido do processo, as limitações orçamentárias para atender plenamente às demandas de melhorias urbanísticas e a dificuldade de encontrar fornecedores dispostos a colaborar com o projeto.

Como foi o desenvolvimento do projeto?

As prioridades escolhidas, inicialmente, foram: construção da ponte temporária para ligar os dois lados da rua; revitalização da iluminação urbana e poda da vegetação que cobria boa parte das fiações dos postes e o muro da escola; construção de chuveirão e pergolado próximo ao memorial indicado pelo grupo Museu a Céu Aberto.

A ponte seria constituída por andaimes, porém a empresa que era uma potencial parceira do projeto rompeu contato após visita técnica ao local de instalação. A ideia seria observar sua utilização durante o período de dois meses para justificar um possível financiamento para a construção de uma ponte permanente. Como não houve mais retorno, a ideia foi descartada e em seu lugar seguimos com a proposta do pergolado que serviria como base ao memorial a ser construído pelo grupo Museu a Céu Aberto. Atualmente, estamos em contato com um fornecedor para a construção de um telhado para o pergolado.

O chuveirão foi construído próximo ao local onde havia um tapume que fechava a circulação daquele lado da rua. Seu posicionamento estratégico busca ligar a praça existente à área escolhida pelo projeto e, ao mesmo tempo, servir de obstáculo aos veículos. Sua estrutura é feita de pilares de madeira e a água cai por canos furados, criando um efeito de cortina de água. A drenagem desse mobiliário está voltada para o córrego que separa os dois lados da rua. A reforma dos brinquedos da

Praça da Paz, utilizando o valor excedente após reformulação de prioridades de intervenção, segue a seguinte logística: o material necessário foi adquirido pelo projeto e a execução da obra ficará a cargo da GEL. A Areninha Cultural decidiu apadrinhar a iniciativa e pretende captar recursos para viabilizar a construção da ponte, que deverá ser executada pelo mesmo pedreiro responsável pelas etapas já concluídas.

Atualmente, o grupo dedica-se ao planejamento do mobiliário urbano, com o objetivo de realizar o orçamento e viabilizar sua implementação no futuro próximo. Para a conclusão da requalificação, ainda restam duas etapas: a implantação de guarda-corpo ao longo do córrego, visando aumentar a segurança dos pedestres e usuários do espaço; e a pavimentação da praça nesse trecho da rua, a ser feita com uma composição mista de saibro e terra.

Como o projeto, a partir da Maré e suas potências, propõe possibilidades de futuro?

I – Reforçar a cidade como construção coletiva

O projeto busca se desenvolver e se manter a partir de alianças locais, como com o grupo Museu a Céu Aberto, com a Areninha da Maré e com outras instituições e representações locais, bem como com os moradores do entorno, já que a transformação urbana depende da cooperação entre diferentes presenças do território. Ao buscar integrar escuta ativa, diálogo e participação efetiva (mesmo que somente pelos encontros do LabMaré), o projeto reafirma que a cidade se constrói de forma compartilhada e que os espaços só se sustentam quando produzidos em conjunto com aqueles que os habitam.

II – Reconhecer o território como produtor de soluções urbanas

O espaço não é visto como área “a ser corrigida”, e sim como território que já produz conhecimento, práticas e caminhos. O projeto parte das dinâmicas existentes, como os fluxos e os usos espontâneos, da criatividade cotidiana e da presença da juventude local, e busca transformá-las em diretrizes de desenho. Assim, o futuro urbano projetado nasce das potências comunitárias e não de modelos importados.

III – Valorizar pequenas infraestruturas como motores de grandes transformações

O caminho pavimentado, o chuveirão, o pergolado e o guarda-corpo buscam gerar impactos significativos no acesso, no conforto, na segurança e na apropriação do espaço. Ao priorizar pequenas melhorias urbanísticas possíveis e reais, o projeto demonstra que mudanças urbanas e de impacto local e social podem começar com gestos mínimos, mas consistentes, e que dialoguem com a apropriação e permanência comunitária.

IV– Colocar a vida cotidiana no centro do projeto urbano

As decisões de projeto surgem da observação dos usos reais e construção coletiva de espaços de escuta ativa: brincadeiras, deslocamentos, permanências, necessidade de sombra e descanso, caminhos seguros e possibilidades de feira ou exposição de arte. Ao reconhecer essas práticas, o projeto também inclui as crianças como referência central, incorporando áreas lúdicas e percursos protegidos. É importante salientar que, pelo histórico de conflitos entre territórios limítrofes à Praça da Paz, é marcante a ausência do público adulto e idoso, e por isso o projeto urbano também visa abraçar esses públicos, proporcionando uma localidade de permanência e apropriação por eles. O desenho é guiado pela vida que acontece e pela que pode vir a acontecer, entendendo que cuidar dos espaços das crianças, dos adultos, dos idosos e de toda a comunidade significa projetar cidades mais inclusivas e sensíveis. Assim, o futuro proposto nasce do cotidiano e das formas como as pessoas circulam, convivem, criam cultura e constroem coletivamente o espaço; mas também se faz presente a história

viva, daqueles e daquelas que devem se manter lembrados, e também daquilo que pode permanecer no passado e dar espaço para novas narrativas urbanas e locais.

V – Fortalecer a resiliência climática

Ao pensar no sombreamento com vegetação nativa, área molhada para alívio térmico e pavimentação distinta do asfalto, o projeto busca oferecer respostas concretas aos desafios do calor extremo e da vulnerabilidade climática presente no Complexo da Maré e principalmente na comunidade Nova Maré. Essas soluções geram conforto e mostram para as cidades caminhos capazes de enfrentamento das emergências climáticas de forma distribuída, comunitária e sensível ao território, ao mesmo tempo que pressionam o poder público a desenvolver estratégias de soluções efetivas das demandas da comunidade.

Atividades realizadas:

Encontros com a equipe do LabMaré.

•

Estruturação do primeiro cronograma de trabalho (questionário, visitas, estudo de áreas, desenho e orçamento).

•

Reflexão coletiva sobre posicionamento do projeto no território: definição do verbo de atuação — “permanecer”.

•

Comparação entre duas áreas possíveis para intervenção: espaço residual do conjunto habitacional Nova Maré e entorno da Praça da Paz.

•

Primeira visita de campo à Praça da Paz, registrando problemas e potencialidades.

•

Decisão preliminar de que a Praça da Paz seria a área mais adequada para o projeto.

•

Discussão sobre alternativas de pavimentação (brita x intertravado), considerando limites orçamentários.

•

Início do levantamento de materiais e custos.

•

Discussão sobre intervenções temporárias que poderiam futuramente ser absorvidas por projetos financiados por instâncias governamentais. Reflexão sobre participação das crianças (Areninha e CIEP) como fundamental para o desenho do espaço.

•

Aperfeiçoamento do desenho e decisões projetuais com o grupo Museu a Céu Aberto.

•

Ajustes de orçamento: caminho reduzido, canteiros múltiplos, pergolado em policarbonato, guarda-corpo com mourões, ponte temporária em andaime.

•

Segunda visita de campo com observação de parceiros locais (depósito de materiais).

•

Apresentação intermediária, inserida no encontro do LabMaré, para somar ao desenvolvimento do PAC Periferia Vive (com o Escritório Arqhos).

•

Recebimento de recomendações dos mentores do LabMaré: evitar hortas urbanas sem responsáveis locais engajados, rever material do caminho, pensar mobiliários mais lúdicos.

•

Definição das prioridades do projeto: pavimentação; guarda-corpo; ponte; pergolado; letreiro no acesso à área.

•

Início dos estudos de materiais e orçamentos para cada prioridade.

•

Pesquisas de materialidades.

•

Croquis preliminares.

•

Levantamento técnico urbano.

•

Identificação de mão de obra local.

•

Verificação de ativação de iluminação pública.

•

Previsão de mutirão para iniciar a retirada da manta asfáltica.

•

Previsão de implantação de caminho/pavimentação e de pergolado.

•

Previsão de implantação de alguns canteiros vegetais e finalização de qualquer último refino de melhorias urbanísticas.

•

Abertura do Museu a Céu Aberto, com implantação de chuveirão e desenvolvimento prévio do pergolado.

Atividades futuras:

Implantação de guarda-corpo ao longo do córrego, visando aumentar a segurança dos pedestres e usuários do espaço.

•

Pavimentação da Praça da Paz no trecho viário indicado, prevista com uma composição mista de saibro e terra.

•

Melhorias e reforma dos brinquedos existentes na Praça da Paz.

•

Avaliação de propostas indicadas (e não implementadas) pelo grupo tanto em parceria com a Areninha da Maré quanto com instâncias governamentais locais.

Articulações necessárias para a realização do projeto:

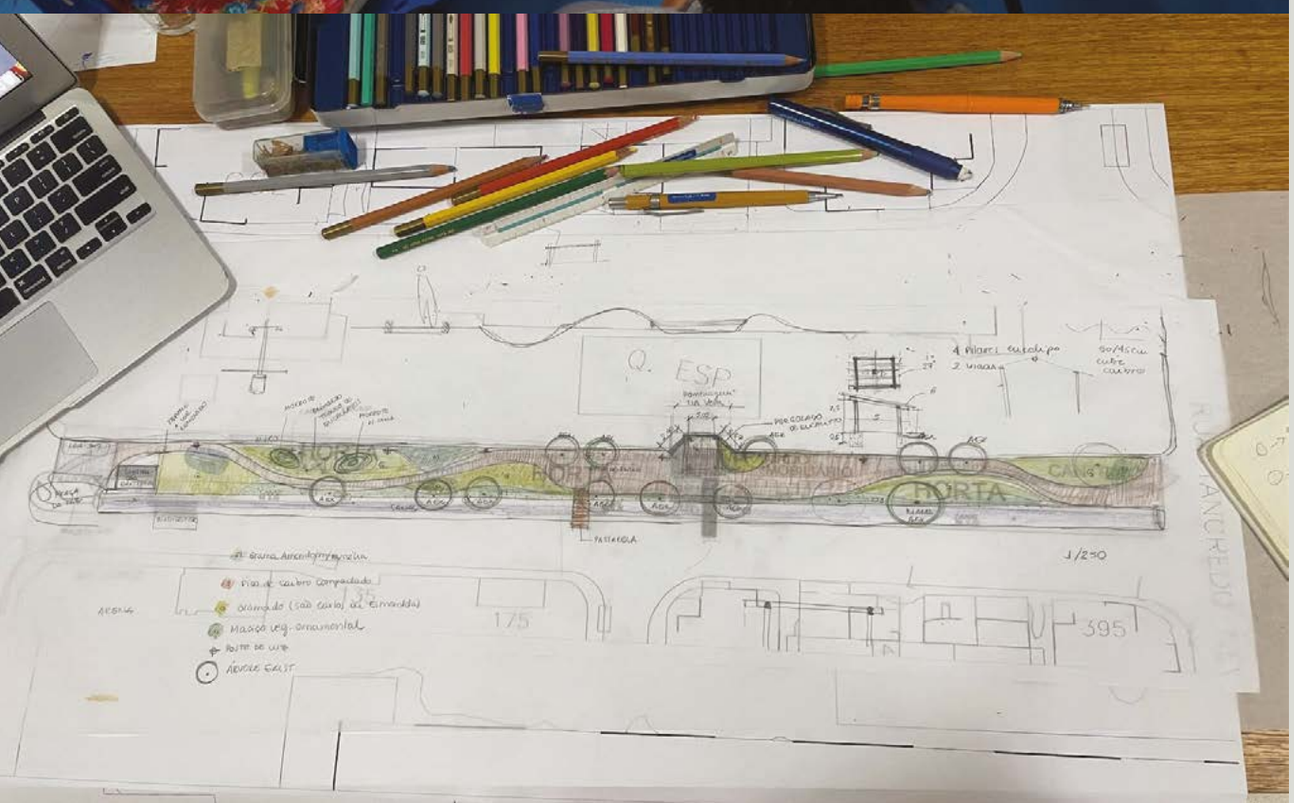
Grupo Museu a Céu Aberto

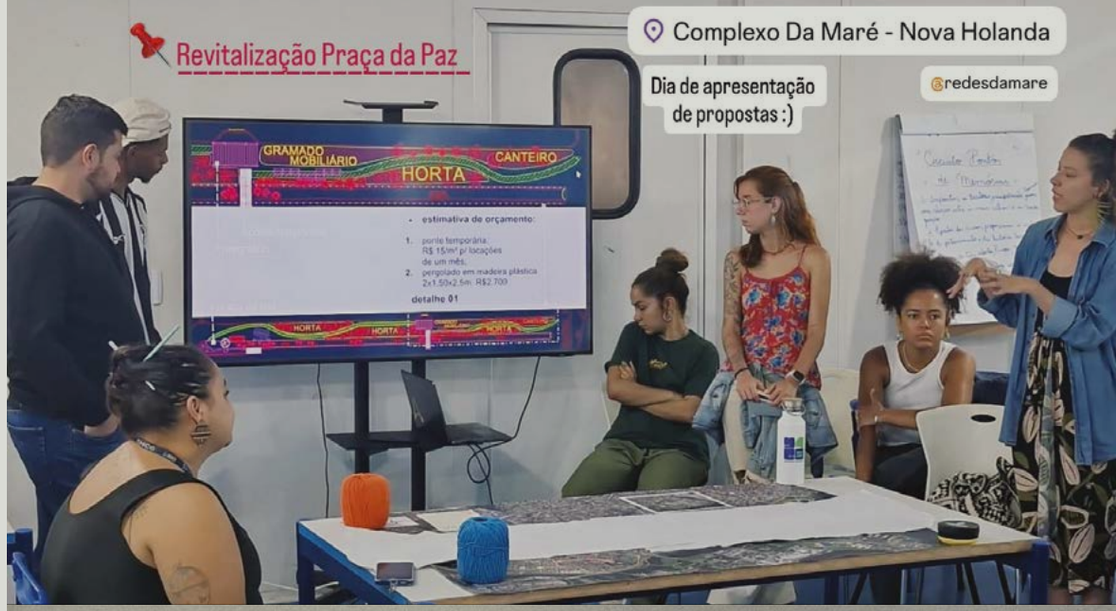
•

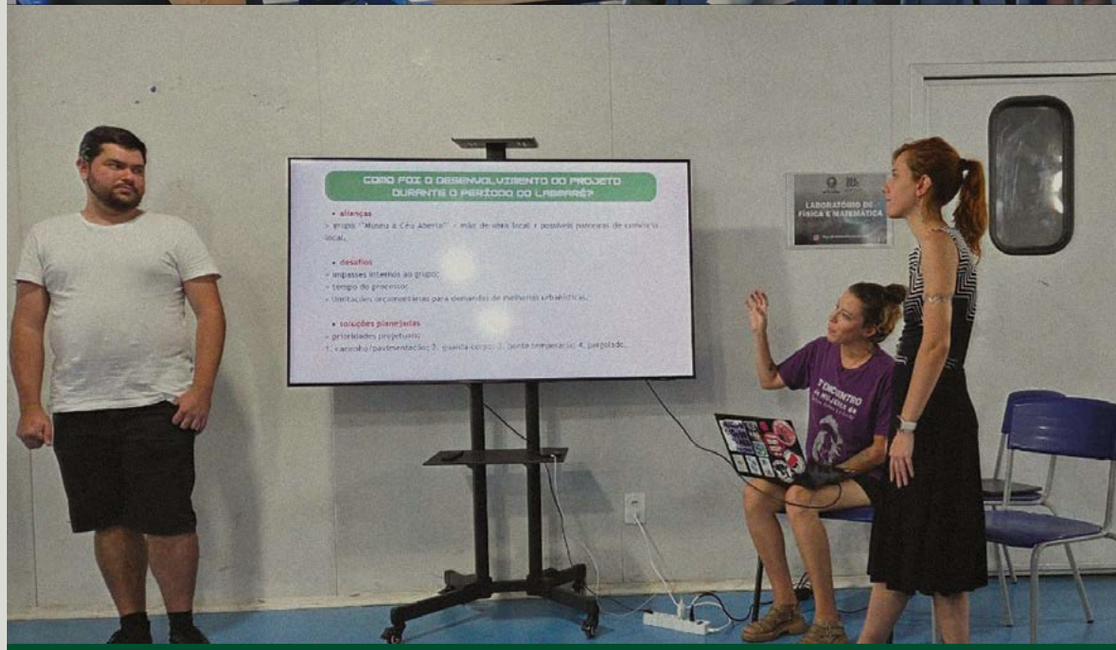
Areninha Cultural Herbert Vianna (Areninha da Maré)

•

Gerência Executiva Local da Maré (GEL)


Q. ESP
HORTA
1/250
175
395


Revitalização Praça da Paz
Complexo Da Maré - Nova Holanda
Dia de apresentação de propostas :)
@redesdamare
GRAMADO MOBILIÁRIO
HORTA
CANTEIRO
estimativa de orçamento:
detalhe 01


COMO FOI O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DURANTE O PERÍODO DO LABMARÉ?
alianças
desafios
soluções planejadas
LABORATÓRIO DE FÍSICA E MATEMÁTICA

Participantes:

CAMILA DE CASTRO DE SOUZA

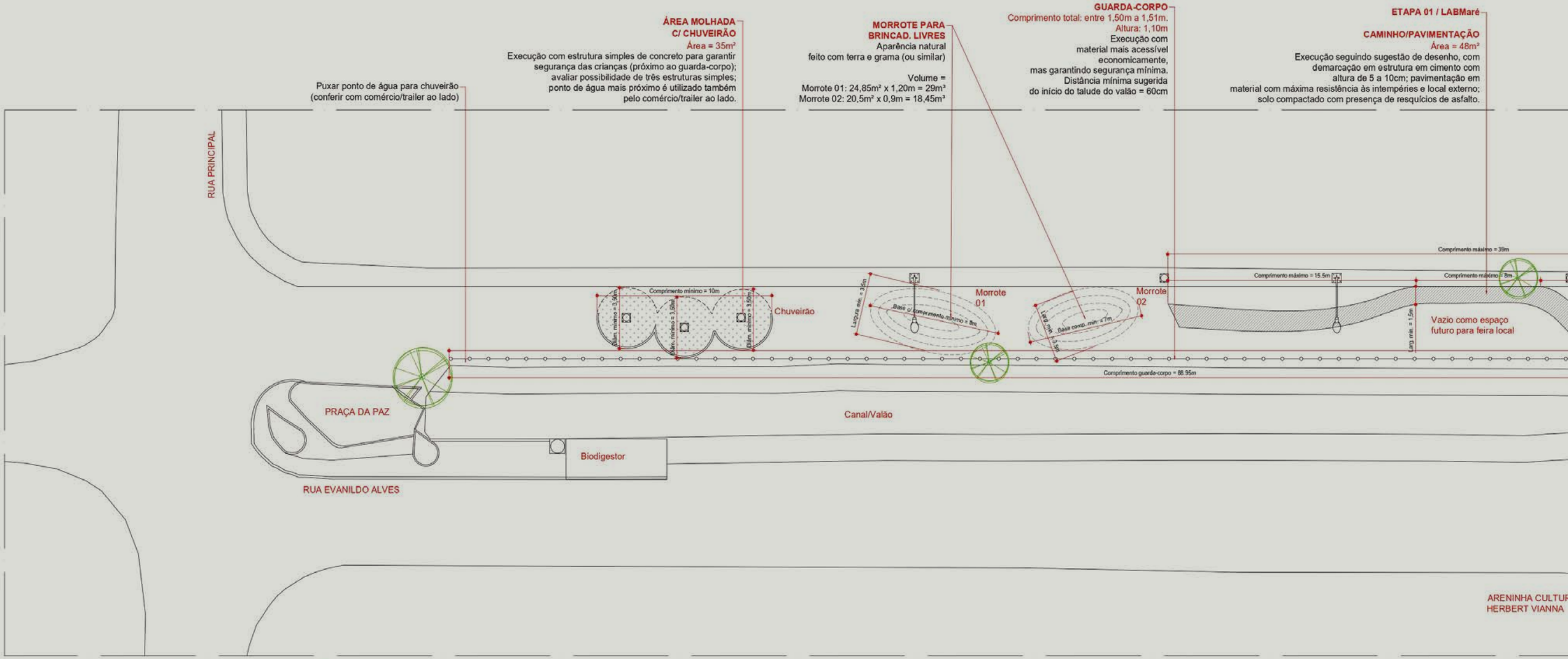
Nascida no Rio de Janeiro, é formanda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desenvolve sua trajetória acadêmica e profissional voltada para o urbanismo socioambiental, a resiliência climática e o desenho urbano sensível ao território e às águas.

JESSICA DE CASTRO SANTANA

Nascida em Belo Horizonte, Minas Gerais, é urbanista, assessora técnica popular e arquiteta pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pós-graduanda em Política e Planejamento Urbano pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ) e militante do Movimento de Mulheres Olga Benário e do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (MLB).

PEDRO MARCELINO DA SILVA DE SOUSA

Nascido no Rio de Janeiro, é arquiteto e urbanista pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com atuação voltada para o conforto urbano, questões socioambientais e qualificação de espaços públicos.



PROJETO EXECUTIVO BÁSICO - REQUALIFICAÇÃO ENTORNO PRAÇA DA PAZ
Sem escala

Legendas das imagens:

1: Fotomontagem ilustrando a intervenção do chuveirão em uso.

2 e 3: As conversas e trocas de experiências realizadas nos encontros do Laboratório, dedicados à escuta e ao desenvolvimento coletivo do projeto, com diálogo direto com o grupo Museu a Céu Aberto e outros agentes do território, contribuíram para identificar demandas locais e orientar as decisões projetuais. Paralelamente, croquis, estudos e desenhos foram elaborados durante os encontros, estruturando as primeiras propostas para a requalificação da Praça da Paz e da via Evanildo Alves.

4 e 5: Momentos de apresentação e debate das propostas desenvolvidas ao longo do Laboratório. A etapa inicial permitiu compartilhar ideias preliminares e receber contribuições do grupo e da equipe do laboratório. Já na etapa final, o projeto foi reapresentado com ajustes e definições mais consolidadas, incorporando aprendizados, críticas e encaminhamentos construídos coletivamente durante o processo.

6: Registro dos brinquedos existentes na Praça da Paz, evidenciando o mau estado de conservação dos mobiliários. A imagem destaca o escorregador quebrado e a ausência de balanços na estrutura, ilustrando a necessidade de reforma e manutenção desses equipamentos, fundamentais para o uso lúdico e a permanência das crianças no espaço. Além desses, o uso no espaço da via pode trazer a necessidade

de outros mobiliários para espaços de permanência, como bancos ou mesas, que podem ser pensados tanto de madeira quanto de concreto.

7: Desenho de síntese da proposta de requalificação para o entorno da Praça da Paz e da via Evanildo Alves. A imagem apresenta a organização geral das intervenções, incluindo caminhos, mobiliários e áreas de permanência, articulando o espaço existente da praça com novos usos e melhorias urbanas pensadas a partir das dinâmicas cotidianas do território e das necessidades relacionadas ao Museu a Céu Aberto.

8, 9, 10, 11 e 12: Registros da transformação do espaço após a retirada do tapume que bloqueava a passagem entre a Praça da Paz e a via Evanildo Alves. A intervenção abriu novamente a circulação entre os dois trechos e incorporou a instalação do chuveirão, pensado como elemento de uso coletivo, principalmente para as crianças que frequentam o local, trazendo refresco térmico e ativação do espaço público. A Figura 12 representa uma fotomontagem da intervenção dos morrotes, pequenas elevações de terra pensadas como elemento lúdico e de brincadeira livre, estimulando o uso do espaço pelas crianças e criando uma área de permanência e exploração do terreno.

13, 14 e 15: Sequência de imagens que registra a implantação do pergolado de eucalipto no trecho chanfrado da via Evanildo Alves, pensado e reservado como suporte para futuras ações do grupo Museu a Céu Aberto, incluindo o Memorial Tia Vera. A comparação entre o antes e o depois

evidencia a transformação desse espaço, que passa de uma área pouco estruturada para um ponto de encontro e permanência. A Figura 15 apresenta uma fotomontagem que ilustra a estrutura de madeira com a futura cobertura em placas de policarbonato a ser instalada. Além disso, também são representados outros elementos previstos no escopo do projeto, entre eles o caminho pavimentado em saibro compactado para qualificar a circulação e a área de gramado no entorno, pensada para ampliar as possibilidades de usos cotidianos do espaço público, como a possível utilização de barraquinhas de feira.

16: Fotomontagem que ilustra a proposta de implantação de uma ponte sobre o valão, pensada como estrutura inicialmente temporária. Atualmente, o acesso à via Evanildo Alves ocorre apenas pelas extremidades, uma vez que o canal acompanha o percurso das duas vias. Assim, é proposta essa ligação para facilitar a circulação de pedestres e o acesso ao Museu a Céu Aberto, conectando também a Areninha Cultural da Maré (Herbert Vianna) ao trecho da via, e incentivando maior fluxo e apropriação do espaço. Além disso, a imagem apresenta a proposta de guarda-corpo composto de estacas de madeira e corda de sisal, pensado para prevenir quedas no valão, especialmente de crianças, além de contribuir para desencorajar o descarte de lixo na água. Ambas as estruturas foram consideradas para possível incorporação pela Gerência Executiva Local (GEL).

REVITA-LIZAÇÃO DO PARQUE ECOLÓ-GICO DA MARÉ

NALDO COSTA
RAISA BESSA CLERICUZI
RICARDO FIRMINO ROSA
SARAH SILVA BATISTA FERREIRA

O que é o projeto?

Este projeto surge de uma pesquisa de mestrado desenvolvida pela proponente Raisa Bessa, com o intuito de repensar a paisagem da Vila do Pinheiro, tendo como ponto de partida o Parque Ecológico da Maré e o Programa Cada Favela uma Floresta, da Secretaria de Meio Ambiente do Rio de Janeiro (SMAC).

A Vila do Pinheiro é uma das 15 favelas do Complexo da Maré e foi construída a partir da segunda fase de execução do Projeto Rio, com o aterramento de todo o entorno da Ilha do Pinheiro, que se tornou o atual Parque Ecológico da Maré. Apesar de abrigar a única área verde da Maré, a Vila do Pinheiro se apresenta, sobretudo ao longo dos próximos anos, como uma potencial ilha de calor, não contando com praticamente nenhuma árvore em suas vias. O Parque Ecológico, área verde de perímetro substancial, já apresenta as consequências de anos de desmazelo pelo poder público, com diversas áreas sem vegetação, pontos de pequenos deslizamentos de terra, equipamentos e mobiliário quebrados, acúmulo de lixo, falta de pintura, de capina e de roçada etc.

Dessa forma, o objetivo do projeto é revitalizar o Parque Ecológico, recuperar a área que se encontra degradada, com melhorias estéticas e funcionais, a partir de pintura, paisagismo, arborização, pequenas reformas, placas informativas, lixeiras, brinquedos e mobiliário. Além disso, e tão importante quanto, há a intenção de gerar conexão entre os moradores e o lugar. Em seu processo, e como produto de entrega, o grupo de trabalho tem por propósito trazer mais visibilidade ao Parque Ecológico,

numa tentativa para que este seja — ou melhor, volte a ser — um espaço de conexão com a natureza, com o espaço público e, sobretudo, um espaço de encontro para seus usuários.

Como foi o desenvolvimento do projeto?

Durante o LabMaré foi possível sobretudo dar corpo ao projeto. Nos primeiros encontros, a equipe de trabalho se apresentou e se conheceu para então começar a discutir o projeto, delimitar a área de atuação e propor ações e intervenções. As escolhas foram realizadas a partir da análise da verba disponível para o projeto e das visitas de avaliação do lugar. Os encontros seguintes foram de organização da equipe, busca de referências e possíveis fornecedores, doadores e parceiros, delimitação e atribuição das tarefas para execução das intervenções.

O processo foi desenvolvido de maneira horizontal dentro do grupo de trabalho, levando em consideração diálogos e escuta com coletivos locais, Associação de Moradores e representantes de órgãos públicos, como a Gerência Executiva Local da Maré (GEL–Maré), a Secretaria de Meio Ambiente e Clima (SMAC), o Programa de Aceleração de Crescimento da Maré (PAC Maré) e a Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb).

A estratégia de trabalho foi direcionada primeiramente ao profundo entendimento do espaço e suas dinâmicas, bem como dos atores que nele se encontram. O desenho das intervenções foi cuidadosamente pensado, uma vez que o Parque Ecológico é foco de atuação de projetos do poder público — como o Cada Favela uma Floresta, da Secretaria de Meio Ambiente e Clima (SMAC), e o PAC Maré, que se refere aos investimentos na urbanização e em melhorias de infraestrutura do Novo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Governo

Federal. Essa sobreposição de possíveis projetos no Parque, e a pouca informação e garantia de execução que se tem sobre eles, trouxe um grande desafio a este projeto, uma vez que as definições dos locais de intervenção, de investimento de verba e energia de trabalho ficaram, de certa forma, dependentes desses projetos paralelos. Para diminuir possíveis atritos e desperdício de trabalho, foram empenhados esforços na tentativa de saber os detalhes dos projetos paralelos, principalmente a respeito dos lugares e intervenções previstas, para então uma possível compatibilização entre aqueles que estavam atuando na área. Nesse sentido, inúmeras reuniões de articulação com os atores do poder público foram realizadas para diálogo e entendimento das suas ações, bem como para solicitação de apoio.

As atuações definidas foram divididas em intervenções físicas e intervenções imateriais. As soluções físicas planejadas pelo grupo de trabalho foram principalmente voltadas para arborização e paisagismo do Parque, algo que não faz parte de nenhum outro projeto e que neste foi considerado prioridade. A Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro [Cedae] é a principal doadora de mudas arbóreas, e a compra de plantas arbustivas e herbáceas foi viabilizada pela verba do projeto. Dessa forma, espera-se ter um parque mais arborizado e com áreas ajardinadas, à medida que os plantios se desenvolvam.

Outra intervenção foi a produção de placas com o mapa do Parque, com informações histórico-culturais da região, e também com conteúdo de educação ambiental. Esperava-se também fazer a lavagem e pintura do anfiteatro e da única área coberta do Parque, espaço existente ao lado da associação

de moradores, porém tais áreas foram englobadas na atual obra realizada pela SMAC, sendo então desconsiderada para este projeto.

No que diz respeito às ações imateriais, o projeto também operou a articulação de coletivos e instituições que promovem diferentes atividade no Parque, para a criação de uma rede de cuidado e força-tarefa daquele lugar, inclusive com o objetivo de chamar a atenção dos moradores para a ocupação do espaço, e do poder público para a prestação correta dos serviços ao território e seus usuários.

Por fim, foi proposto um encontro para inauguração das intervenções implementadas e apresentação aos moradores e frequentadores, com diversas atividades facilitadas tanto pelo grupo de trabalho formado durante o LabMaré quanto pelos coletivos e instituições parceiras. O intuito desse dia no Parque é a ativação do local, e a execução de dinâmicas, com crianças e adultos, para troca de saberes e pensamento coletivo sobre o espaço, compartilhando desejos e sonhos para o local. Além disso, atividades de plantio de mudas, plantio agroflorestal, oficina de compostagem, mutirões para plantio do jardim, futebol para crianças e apresentações artísticas também estão previstas.

É fundamental destacar que, para a realização deste projeto, foram necessárias muitas articulações e parcerias, entre as quais: 1) Associação de Moradores, para entendimento das dinâmicas, necessidades e atividades que ocorrem no Parque, além de apoio para comunicação e divulgação de atividades aos moradores; 2) Companhia de Limpeza Urbana (Comlurb), para pedido de lixeiras e coletores para toda a área do Parque,

execução da roçada, capina, poda, limpeza de canteiros, e manutenção geral; 3) Secretaria de Meio Ambiente e Clima (SMAC), para entendimento de obras e projetos previstos para o Parque, pedido de retorno do programa Guardiãs da Mata, solicitação de interlocução e apoio junto à Comlurb, solicitação de apoio de mão de obra, ferramentas e equipamentos para plantio, pedido de apoio com doações de espécies vegetais para paisagismo; 4) Gerência Executiva Local da Maré (GEL), para apoio em todos os pedidos à prefeitura; 5) Coletivos locais — Instituto Maré, Luta Leopoldina, Cultiva Rio, Maré City, Nasci para Brilhar, Comunidade Católica Pequena Nuvem, Coletivo Papo de Laje: para entendimento das atividades desenvolvidas por cada coletivo, uso do Parque, demandas para as atividades, cocriação do evento final de entrega do LabMaré, criação de um grupo de articulação em prol do Parque Ecológico; 6) Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro (CEDAE), pedido de doação de mudas arbóreas da Mata Atlântica por meio do projeto Replantando Vida; 7) Moradores do bairro e frequentadores do Parque, traçando um diálogo aberto para autodiagnóstico e participação na construção do projeto.

Como o projeto, a partir da Maré e suas potências, propõe possibilidades de futuro?

O projeto aposta na possibilidade de alcançar mudanças significativas para um espaço e, consequentemente, para uma comunidade, a partir de pequenas ações coletivas. Uma vez finalizado, espera-se ter um exemplo de solução urbana construída a partir do, pelo e para o território, trazendo a ideia de construção coletiva para a cidade. Além disso, espera-se também agregar bem-estar social, tanto pela melhoria da paisagem e dos serviços ecossistêmicos como pela possibilidade de ter um espaço de convivência, lazer e cultura.

Atividades realizadas:

Encontros do Laboratório: definição da área de trabalho, reflexão coletiva sobre posicionamento do projeto no território, levantamento de dados e informações técnicas, mapeamento das instituições/grupos atuantes e de possíveis parcerias.

•

Visita técnica e diagnóstico local.

•

Reuniões com Associação de Moradores, GEL, PAC Maré, coletivos e instituições locais.

•

Esboço do projeto e orçamento, levantamento de materiais, discriminação dos serviços.

•

Reunião com a SMAC para entendimento de possíveis projetos paralelos e apoio.

•

Redefinição do projeto a partir do entendimento de outros projetos.

•

Organização de todo material dos encontros do Lab e produção de relatório.

•

Reunião com Comlurb e reunião com coletivos e instituições parceiras.

•

Desenho do projeto de arborização e de jardins.
Articulação com a Cedae para doação de mudas.

•

Encomenda das plantas, insumos e ferramentas, placas informativas e outros materiais.

•

Finalização do orçamento.

•

Organização do evento.

•

Mutirão no Parque para início das melhorias.

Atividade futura:

•

Encontro final e mutirão de plantio no Parque Ecológico.

Articulações necessárias para realização do projeto:

Associação de Moradores

•

Coletivos locais: Instituto Maré, Luta Leopoldina, Cultiva Rio, Maré City, Nasci para Brilhar, Comunidade Católica Pequena Nuvem, Coletivo Papo de Laje

•

Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro (CEDAE)

•

Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb)

•

Gerência Executiva Local da Maré (GEL)

•

Moradores do bairro e frequentadores do Parque

•

Secretaria de Meio Ambiente e Clima (SMAC)

•

Programa de Aceleração de Crescimento da Maré (PAC Maré)

SABERES
conexão
TRANSFORMAÇÃO
DA PAISAGEM

Participantes:

NALDO COSTA PELOTAS | RIO GRANDE DO SUL, 1978

É arquiteto e urbanista formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com passagem pela TFH-BERLIN. Foi membro do Laboratório de Lazer e Espaços Turísticos do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atua como arquiteto, professor de edificações e nas áreas de movelaria e comunicação visual.

RAISA BESSA CLERICUZI | TIJUCA, 1990

É bióloga pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) e Bangor University, designer em sustentabilidade pela Gaia Education e mestre em Práticas em Desenvolvimento Sustentável na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), com pesquisa na área de Soluções Baseadas na Natureza e Cidades Resilientes. Atua na gestão e execução de projetos de paisagismo ecológico, recuperação da biodiversidade, educação ambiental e mobilização de comunidades.

RICARDO FIRMINO ROSA | MARÉ, 1989

É técnico em meio ambiente pelo Centro de Educação Profissional e Tecnológica (CEPT), tecnólogo em gestão ambiental pelo Centro Universitário Cidade Verde (UniCV), e graduando em Engenharia Cartográfica pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Educador ambiental, trabalha em campo com monitoramento de fauna e flora, manejo e sinalização de trilhas, e também em projetos de pesquisa, estagiando no Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

SARAH SILVA BATISTA FERREIRA | ILHA DO GOVERNADOR, 1997

É arquiteta e urbanista formada pela Universidade Veiga de Almeida. Especialista em Análise Ambiental e Gestão do Território pela Pós-Graduação da Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE/IBGE). Atualmente, é mestranda na mesma instituição no Programa de Pós-Graduação População, Território e Estatísticas Públicas, investigando o direito à moradia, favelas e comunidades urbanas e desigualdades sociorraciais e de gênero. Integrante do grupo de pesquisa Viver, Morar e Trabalhar no Centro, desenvolvido pelo Observatório das Metrópoles, sediado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde estuda a presença da população negra no centro do Rio de Janeiro, por meio de pesquisa bibliográfica, transcrição de dados e levantamento de informações raciais de censos.

Legenda

1. Mirante
2. Quadra
3. Compostagem
4. Parquinho
5. Trilha
6. Área Lazer
7. Academia
8. Banheiros
9. Piso drenante
10. Reflorestamento
11. Agrofloresta
12. Anfiteatro
13. Campo de futebol
14. Hortas
15. Cozinha e Associação
16. Área Educativa

Legenda das imagens

1: Imagens do Parque Ecológico antes de receber as intervenções.

2: Reunião na Associação de Moradores junto com a Presidente da Associação, equipe Pac Maré e equipe GEL, realizada em 17 de outubro de 2026.

3: Apresentação do Projeto Básico de intervenção em encontro do LabMaré.

4: Equipe de trabalho em encontro do LabMaré.

5: Esquema ilustrativo das intervenções propostas no projeto, com parque naturalizado, placas informativas, jardim naturalista sensorial e plantio de árvores.

6: Imagens do Parque Ecológico antes de receber as intervenções.

7: Masterplan básico indicando áreas já existentes, intervenções atuais e possíveis intervenções futuras.

8 e 9: Projeção ilustrativa do projeto de parque naturalizado, placas informativas e jardim nas áreas do Parque Ecológico.

Assembleia na Nova Holanda para discutir sobre a obra da Linha Vermelha, 1991.

O futuro do passado: mobilização comunitária e políticas públicas urbanas na Maré

João Sousa e Silva e Rian de Queiroz

São centenas de pessoas. Estamos em Nova Holanda, em 1991. O objetivo da assembleia é debater a construção da Linha Vermelha. Além do senhor e da criança de colo que dormem e das três crianças com a mãe que olham fixamente para a câmera, as outras pessoas direcionam a atenção para o canto direito da foto, em algum lugar fora do quadro. Elas estão concentradas, e existe uma tensão na imagem. Nem a cobertura do pátio, nem a quantidade de cadeiras foram suficientes para acomodar todas as pessoas que compareceram. Metade delas está de pé.

Durante o Laboratório de Arquitetura, Cultura e Clima, lembramos algumas vezes essa imagem, realizada pelo João Roberto Ripper. Não éramos uma assembleia, não éramos centenas de pessoas, mas estávamos ali, de um modo muito distinto, interessadas e atentas em pensar sentidos e caminhos coletivos para a Maré, em

um momento em que, assim como em 1991, obras de infraestrutura de grande porte acontecem e impactam a dinâmica cotidiana do território. O Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) Periferia Viva, iniciativa fruto de uma parceria do governo federal com a prefeitura do Rio de Janeiro, investirá inicialmente 171 milhões de reais em intervenções das mais diversas, prevendo a construção de um parque linear, a instalação de cinco ecopontos no território, além de obras de requalificação viária, com restauração e melhoria da pavimentação, ampliação e qualificação de calçadas, implantação de ciclovias e criação de novas conexões para pedestres e ciclistas. Já em fase de execução, um mapeamento preliminar está sendo realizado com a participação de atores locais estratégicos. Além do PAC, em março de 2025 a concessionária Águas do Rio anunciou a retomada da construção do tronco coletor que será responsável por ligar o esgoto doméstico da Maré à Estação de Tratamento Alegria, no Caju, o que implica uma obra que se estende por praticamente todo o território.

Entre as grandes obras de infraestrutura propostas pelo poder público e pelo setor privado em curso e a longa história de organização comunitária que sustenta a permanência da Maré, essa edição do Laboratório buscou atuar em outra escala: não a da infraestrutura pesada, nem a da política urbana concebida à distância, mas a das pequenas transformações capazes de mobilizar sentidos e vínculos coletivos.

Se as políticas públicas operam, em geral, por meio de uma gramática própria (marcada pela padronização, pela busca de impacto em larga escala e por intervenções que precisam responder a métricas de eficiência e abrangência), o território desenvolve outra forma de produzir cidade. Trata-se de uma racionalidade que não se mede necessariamente pela magnitude da obra ou por seu potencial financeiro, mas sim pela densidade de relações que ela é capaz de ativar. Sob esse olhar, o valor de uma intervenção, para além de sua dimensão física, está no significado que adquire para quem a constrói, a ocupa e a reconhece como parte de sua própria história.

As investigações produzidas por pesquisadores e pelos movimentos sociais do território demonstram que desde o seu princípio, no início do século XX, a capacidade associativa dos moradores e a consistência de suas relações foram o que garantiu a permanência, sua efetivação concreta e o acesso a direitos básicos, mesmo que precarizados e sem manutenção. Ampliando o nosso olhar para momentos anteriores ao século XX e ao que se convencionou como marco de surgimento da Maré, é possível perceber nessa região da cidade, outrora

nomeada Enseada de Inhaúma, distintos modos de viver e produzir territórios que estiveram em disputa e conflito com as métricas do governo desde os períodos iniciais da colonização. Propomos neste texto acompanhar pequenos fragmentos dessa história.

Estendendo-se de onde hoje é o Caju até a afogada praia de Maria Angu, atual favela da Kelson, a Enseada de Inhaúma era composta de arquipélagos, praias, rios, estuários e manguezais. Certamente, esse não era o nome utilizado pelos tupinambás, habitantes pré-coloniais dessa terra, para nomear essa região. A taba de Eirámirĩ, uma das visitadas e catalogadas por Jean de Lery em 1557, estava localizada próxima ao que é hoje a favela do Conjunto Esperança e seu nome fazia menção a uma abelha sem ferrão abundante naquela localidade, responsável por produzir um mel delicioso. Antes dos tupinambás, pesquisas arqueológicas recentes em sambaquis vêm demonstrando que antes da chegada dos referidos povos tupi no século X, essa região já vinha sendo habitada havia milhares de anos. É interessante notar que a ocupação portuguesa dos morros no início do século XVI, recorrentemente citada como marco fundacional da cidade do Rio de Janeiro, para além de uma estratégia econômica e militar, estava relacionada com o desejo de evitar áreas alagadiças de brejos e manguezais que, de acordo com os portugueses, configuravam espaços propícios para a transmissão de doenças contagiosas. O “urbanismo de colina” e sua associação com a fundação da cidade do Rio de Janeiro demonstram que a lógica que a origina parte de um profundo desconhecimento e desprezo pelos ecossistemas tropicais e pelos modos milenares de habitá-los.[1]

A partir do final do século XIX, e ao longo de todo o XX, políticas urbanas governamentais de diferentes naturezas transformaram essa região em uma das primeiras zonas de sacrifício da cidade.[2] Podemos destacar, nesse processo, o decreto da Câmara Municipal de 1865, que designa a Ilha da Sapucaia como o depósito oficial de lixo da cidade. A partir desse momento, a Ilha da Sapucaia se tornou o epicentro de um intenso tráfego de barcos que, movidos inicialmente com mão de obra escravizada, tinham como algumas de suas finalidades principais transportar lixo para o aterro sanitário e corpos de pessoas falecidas para o primeiro cemitério

1 BARBOSA, Jorge Luiz; CUNHA, Diogo; BARBOSA, Anna Thereza de Andrade. *Águas encantadas da Baía de Guanabara*. Rio de Janeiro: Numa, 2021.

2 CAVALCANTI, Mariana; PASSOS LIMA, Maria Raquel. Residual urbanism: sanitary infrastructures and the governance of waste in Rio de Janeiro. *Political Geography*, [S.l.], 22 ago. 2025. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.polgeo.2025.103406.

público instalado também nessa região poucos anos antes, o São Francisco Xavier, no Caju. O aterro sanitário da Ilha da Sapucaia esteve ativo até o início da década de 1940, quando a Ilha foi anexada com outras oito para a criação da Ilha do Fundão, onde está situado hoje o campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vizinho à Maré.

Todos esses acontecimentos são simultâneos ao processo de consolidação da ocupação da Maré. As narrativas históricas que pretendem contá-lo não conseguem precisar um momento determinado, mas, a partir de pesquisas em arquivos públicos e do relato de moradores antigos,[3] desde o início do século XX, na região da Praia de Inhaúma, na base do Morro do Timbau, já existia uma comunidade de pescadores consolidada e organizada politicamente. Diante das múltiplas precariedades enfrentadas pelos pescadores, a Colônia de Pescadores Z6 da Praia de Inhaúma, em 1933, já tinha desejos muito concretos para a região, que envolviam: *terreno e casa para a sede da secção do Porto de Inhaúma [...], luz, água e esgoto; concerto do prédio de Inhaúma; praça de sports [...], escola primária [...], escola de pesca; escola para motorista (marítimo e terrestre) [...], vila para pescadores; leite para os filhos dos pescadores; consultórios médicos [...], posto policial [...], limpeza das praias [...], barracas para a venda de peixes; melhoramento da Praia de Maria Angu, melhoramento da Praia de Inhaúma; banca de refrigeração de pescado; balizamento dos canais [...] zona de terrenos arenosos [...], baixios [...], zonas de mangue [...], estação de rádio-telegraphico e rádio-telephonica.*

Além do fato de algumas demandas da época ainda persistirem atualmente, é importante notar como o que está em disputa são distintos projetos de mundo e modos antagônicos de estabelecer relações com ele e com tudo que o compõe. A importância do mangue, da escola de pesca, do transporte marítimo é atributo fundamental de um modo de vida que foi literalmente aterrado por projetos governamentais posteriores. Assim como no período colonial, o mangue continuava sendo visto como um atraso e não como fonte de vida.

A construção da Variante Rio-Petrópolis, atual avenida Brasil, foi um marco político e simbólico do período, quando governar se tornou um sinônimo de abrir estradas. Se os pescadores ainda tinham o mar como um ecossistema fundacional para diversos aspectos da sua vida, o rodoviarismo, e o projeto de industrialização atrelado a ele, o concebe apenas como um empecilho a

3 REDES DA MARÉ. Memória e Identidade dos Moradores do Morro do Timbau e Parque Proletário na Maré. Rio de Janeiro, RJ: Redes da Maré, 2013.

ser superado ou uma paisagem destituída de vida e restrita à contemplação. Foi após a construção da avenida Brasil que os aterros se intensificaram na região. Apesar, mas também por causa, das políticas públicas de remoção de favelas do período, a Maré continuava a crescer, consolidando sua ocupação em outras regiões e dando origem a outras favelas.

O Parque União, por exemplo, às margens da avenida Brasil, que surge no final da década de 1950 por iniciativa de um grupo de ativistas comunistas ligados à luta dos moradores de favela pela posse da terra, foi sistematicamente atacado pelo governo de Carlos Lacerda, então governador do estado da Guanabara, que acabara de perder seu posto de capital para Brasília. Seus moradores conseguiram garantir sua permanência graças a uma resistência ativa e, organizados em comissões, buscaram meios legais para garantir que não destruíssem o que tinham feito com suas próprias mãos.

No mesmo período, e bem próximo ao Parque União, o governo de Carlos Lacerda criou o Centro de Habitação Provisória (CHP) da Nova Holanda. O CHP configurava uma espécie de entrelugar concebido para receber pessoas removidas de outras favelas do Rio de Janeiro, majoritariamente da zona sul, para viverem temporariamente ali, até serem destinadas às suas moradias definitivas em conjuntos habitacionais distantes dali, como Vila Kennedy. Essa política tinha objetivos que não se restringiam à questão habitacional. Seu intuito era produzir novos hábitos, fossem eles de higiene ou convivência. A pretensão “pedagógica” dessa política obliterava a violência que atravessava todos os momentos das remoções, desde seu anúncio até sua efetivação. Nessa ótica, a remoção aparece como um caminho indispensável para a devida incorporação desses sujeitos na cidade.

Pensadas pelo governo como um lugar temporário, as casas em Nova Holanda foram construídas em madeira, e o esgotamento sanitário, o abastecimento de água e a rede elétrica foram pensados para um número reduzido de moradias e não possuíam condições adequadas para sua plena utilização. As fossas recorrentemente entupiam, a coleta de lixo não existia, a vazão de água nunca estava de acordo com as necessidades dos moradores, tampouco a oferta de luz. Foi nesse contexto, algumas décadas após a criação e o fim da política dos Centros de Habitação Provisória, que emerge um movimento de moradores liderados e protagonizados sobretudo por mulheres, que se organizaram para lutar por direitos básicos como água, esgotamento, creches. A partir de reuniões e assembleias que aconteciam rua

a rua, essas demandas eram discutidas e as estratégias eram traçadas.

Voltemos então à fotografia que dá o pontapé para este texto, retratando uma assembleia lotada na Maré. Longe de ser um mero registro histórico de um momento específico, a imagem é a expressão de um modo de se organizar e lutar que marcou a história do território. A intensa mobilização dos anos 1980, impulsionada pela luta por permanência e por direitos básicos, deixou como herança uma cultura política fundada na organização local, na leitura coletiva das condições materiais de vida e na ação construída a partir da experiência cotidiana. Mais do que um episódio do passado, essa forma de agir permanece inscrita na memória social da Maré como uma capacidade latente de articulação que pode ser reativada diante de novos desafios e contextos. Foi justamente para tornar visíveis essas continuidades e tensões que este texto percorreu, ao longo de sua narrativa, diferentes momentos da história recente do território. Mais do que um exercício de contextualização, esse percurso buscou evidenciar os conflitos e contrastes entre distintos modos de produzir a cidade: de um lado, grandes projetos concebidos a partir de lógicas externas; de outro, as respostas construídas no interior do território, enraizadas na vida comum. É nesse campo de tensões (entre escalas, racionalidades e modos de produzir transformação) que se insere a experiência do Laboratório, entendida não como a introdução de uma nova lógica de ação, mas como uma tentativa de reativar e atualizar disposições coletivas já presentes no território da Maré.

O Laboratório colocou essa diferença de formas de produzir cidade como um orientador de atuação. Mais do que produzir estruturas permanentes, a proposta foi criar situações de encontro: processos de escuta, de formulação coletiva e de materialização possível de desejos compartilhados. Ou seja, reproduzir, em pequena escala, a efervescência de mobilização social que a Maré experimentou em muitos períodos de sua história. As atividades desenvolvidas ao longo do percurso podem ser entendidas como exercícios de uma espécie de acupuntura urbana, em que ações pontuais, de pequena escala, são capazes de irradiar efeitos no campo das relações sociais, da percepção do território e da disposição para a ação coletiva.

Em muitos casos, o que esteve em jogo na transformação de um espaço foi a ativação de um sentido. Uma praça, um muro, o entorno de uma escola ou um trecho de rua deixavam de ser apenas suportes físicos para se tornarem dispositivos de convivência, memória, cuidado e expressão. Ao mesmo tempo, algumas propostas evidenciaram algo que atravessa a própria experiência

urbana na Maré: a inseparabilidade entre o material e o simbólico. Enquanto certas iniciativas se dedicavam à melhoria concreta das condições ambientais ou de uso de um espaço, outras buscavam ativá-lo por meio da arte, da memória ou da presença coletiva. Em alguns momentos, essas dimensões passaram a se articular no mesmo recorte territorial, como se a transformação física do espaço precisasse, necessariamente, caminhar junto com a reconstrução de valores coletivos.

Essa lógica aparece, por exemplo, na convergência de diferentes propostas em áreas reconhecidas pelos próprios moradores como pontos críticos do território. Por exemplo: a Evanildo Alves, chamada localmente de Divisa por separar territórios dominados por grupos civis armados rivais e marcada historicamente como uma região de conflito armado, recebeu ações de quatro dos oito projetos. O intuito foi endossar práticas já iniciadas nos últimos anos de revalorização do uso do espaço. A escolha, portanto, desses lugares não respondia apenas a critérios técnicos ou de oportunidade, mas à sua carga histórica, simbólica e afetiva, respeitando processos organizativos internos do território. Intervir ali significou disputar sentidos, transformar espaços associados ao medo, ao abandono ou à fragmentação em lugares de encontro, de permanência e de convivência. Mais do que a obra em si, o processo de construção coletiva tornava-se parte fundamental dessa transformação.

Outro traço comum às propostas foi o deslocamento da ideia de intervenção como entrega para a intervenção como processo. Mutirões, oficinas, formações, escutas e experimentações passaram a ser entendidos como parte constitutiva do projeto, e não apenas como etapas preparatórias, tratadas tantas vezes como ilustrativas em obras de grande porte. Ao envolver moradores, artistas, jovens e coletivos locais no diagnóstico, no desenho e na execução das ações, o Laboratório apostou na produção de pertencimento e corresponsabilidade como resultados tão importantes quanto as materialidades construídas. Relações de confiança, redes de colaboração, aprendizagens compartilhadas e a experiência concreta de agir coletivamente tendem a persistir no tempo, criando condições para novas mobilizações e para a continuidade das iniciativas para além do período do Laboratório.

Há, aqui, uma inversão importante em relação à lógica mais comum das políticas públicas urbanas. Em vez de começar pela obra e esperar que ela produza efeitos sociais, o Laboratório procurou fortalecer primeiro o campo das relações, dos desejos e das capacidades coletivas. Como se fosse necessário forjar o espírito da transformação antes de dar forma ao seu corpo material.

Nesse movimento, as pequenas intervenções tornam-se menos um fim em si mesmas e mais um meio para reativar a experiência de construção coletiva do território, experiência que, como mostram as memórias das mobilizações passadas, constitui uma das principais forças históricas da Maré.

Ao final, o que se buscou não foi oferecer soluções acabadas, mas produzir condições. Condições para que moradores se reconheçam como agentes de transformação, para que o diálogo entre diferentes grupos e iniciativas se fortaleça, e para que as demandas construídas coletivamente possam ganhar maior legitimidade na interlocução com o poder público. Se as grandes obras desenham a infraestrutura da cidade, são esses processos de mobilização que sustentam sua vida política e social. Nesse sentido, o Laboratório se insere menos como um conjunto de projetos e mais como um dispositivo de ativação territorial; um espaço-tempo em que imaginar e construir coletivamente volta a ser possível. E talvez seja justamente nessa escala, aparentemente pequena, que se encontrem algumas das transformações mais duradouras.

Lista de parceiros do LabMaré: Arquitetura, Cultura e Clima

Educação

4ª Coordenadoria Regional de Educação [4ª CRE]

Unidade administrativa da Prefeitura do Rio que gerencia escolas municipais na Ilha do Governador e Zona Norte.
Endereço: Rua Professor Luís Rondelli, 150 – Olaria.
E-mail: cre04@rioeduca.net
@4cresmerj/

Biblioteca Municipal Jorge Amado

Espaço de incentivo à leitura na Maré, localizado na Areninha Herbert Vianna.
Endereço: Rua Evanildo Alves, s/nº – Maré.
E-mail: bibjorgeamado.cultura@prefeitura.rio
@bibliotecamunicipaljorgeamado/

Centro de Extensão e Pesquisa em Favelas [CEP-Favelas – UNIRIO]

O Programa Centro de Extensão e Pesquisa em Favelas (CEP-Favelas) é um projeto-piloto do programa de Extensão da Educação Superior na Pós-Graduação (PROEXT-PG/UNIRIO) com ações nas comunidades da Babilônia e Chapéu Mangueira, no Leme, Rio de Janeiro.
Endereço: Av. Pasteur, 296 – Botafogo, Rio de Janeiro, Prédio da Reitoria Unirio | Térreo - PROExC.
https://www.unirio.br/proextpg/apresentacao

Centro Integrado de Educação Pública Ministro Gustavo Capanema

Escola pública municipal que oferece ensino fundamental e Ensino de Jovens e Adultos.
Endereço: Via A1, s/nº – Vila dos Pinheiros – Maré.
@ciep_gustavocapanema/

Creche Monteiro Lobato

Creche municipal na Baixa do Sapateiro, na Maré.
Endereço: Rua Tatajuba, s/nº – Maré.
@creche.lobato

Creche Nova Holanda

Creche municipal na Maré.
Endereço: Rua Sargento Silva Nunes, 1004 Nova Holanda – Maré.
@cm.novaholanda

Escola Municipal Olimpíadas 2016

Escola fundamental inaugurada na Maré para os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro.
Endereço: Rua Ivanildo Alves, s/nº – Maré.
@e.m.olimpiadasrio2016

Escola Municipal Primário Erpídio Cabral de Souza (Índio da Maré)
Escola inaugurada em 2016 no Campus da Maré.
Endereço: Campus Maré - Rua Ivanildo Alves – bloco VI – Maré.
@escolamunicipalerpídiocabraldesouzaíndiodamaré

Escola Municipal Vereadora Marielle Franco
Escola municipal de ensino fundamental na Maré.
Endereço: Rua Projetada D – Vila dos Pinheiros – Maré.
@emvereadoramariellefranco

Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ)
Órgão da Prefeitura responsável pela gestão da rede de ensino municipal do Rio de Janeiro, abrangendo a Educação Infantil (creches e pré-escola), o Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos (EJA)
https://educacao.prefeitura.rio
@sme_carioca

Parceiros de Serviços Públicos

Águas do Rio
Concessionária privada responsável pelo abastecimento de água e tratamento de esgoto no município do Rio de Janeiro.
https://aguasdorio.com.br/
@aguasdorio/

Companhia Estadual de Águas e Esgotos [CEDAE]
Empresa pública e privada que atende 64 municípios fluminenses.
https://www.cedae.com.br/
@cedaerj/

Companhia Municipal de Limpeza Urbana [Comlurb]
Maior empresa de limpeza pública da América Latina.
https://comlurb.prefeitura.rio/
@comlurbcomunica/

Coordenadoria de Territórios e Diversidade Cultural
Setor que atua na descentralização das políticas públicas, promovendo o direito à cultura, a valorização das identidades locais, o patrimônio e a diversidade étnico-racial em territórios
https://carioca.rio/orgao/coordenadoria-de-territorios-e-diversidade-cultural/
@prefeitura_rio

Gerência Executiva Local do Complexo da Maré [GEL – Complexo da Maré]
Órgão da administração municipal do Rio de Janeiro, ligado à Secretaria Municipal de Governo (ou Secretaria Municipal de Coordenação Governamental), que atua diretamente no território do Complexo da Maré.
https://prefeitura.rio/cidade/prefeitura-do-rio-apresenta-obras-do-pac-periferia-viva-no-complexo-da-mare
@gel.mare.rio

Gerência de Projetos Pedagógicos Extracurriculares [GPPE]
Os Projetos Extracurriculares abrangem todas as etapas e modalidades de educação da rede, desde a Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos (EJA)
https://educacao.prefeitura.rio/sube-gppe/

Parceiros da Arte, Cultura e Memórias

Airá Crespo
Artista plástico e grafiteiro carioca, referência no grafite e arte urbana.
@airaocrespo/

Areninha Cultural Herbert Vianna
Espaço cultural da Maré com shows, oficinas e biblioteca.
Endereço: R. Evanildo Alves, s/nº – Maré.
@areninhadamare/

Centro de Artes da Maré
Espaço cultural fundado em 2009 com escola de dança, atividades e apresentações artísticas em geral.
Endereço: Rua Bittencourt Sampaio, 181 – Maré
https://www.redesdamare.org.br/br/info/3/centro-de-artes-da-mare
@centrodeartesdamare/

Museu de Favela (MUF)
ONG cultural fundada em 2008 nas favelas Cantagalo e Pavão-Pavãozinho.
Endereço: R. Alberto de Campos, 12, 4º andar Ipanema – Rio de Janeiro.
https://museudefavela.org/
@museudefavela/

Museu da Maré
Museu comunitário que preserva memórias e histórias da favela da Maré.
Endereço: Av. Guilherme Maxwel, 26 – Maré.
https://www.museumare.org/
@museudamare/

Negro Muro
Projeto de arte urbana que retrata personalidades negras em murais pelo Rio de Janeiro.
https://negromuro.com.br/
@negromuro/

Organizações comunitárias e coletivos populares

Associação de Moradores da Nova Holanda
Organização comunitária que oferece serviços sociais e esportivos na favela Nova Holanda.
Endereço: Rua Tancredo Neves s/nº – Nova Holanda.
@associacaodanovaholanda/

Associação de Moradores da Nova Maré
Organização comunitária da favela Nova Maré,
no Complexo da Maré.

Associação de Moradores do Parque Rubens Vaz
Organização comunitária do Parque Rubens
Vaz no Conjunto de Favelas da Maré
Endereço: R. João Araújo, 117
Parque Rubens Vaz, Rio de Janeiro-RJ
@assorubensvaz

Associação de Moradores do Parque União
Entidade comunitária no Parque União, Maré.
Endereço: Rua Ari Leão, 33 – Parque União, Maré.
@ampuparqueuniao

Associação do Parque Ecológico da Maré
Parque com área verde na Maré, funcionando como espaço
de lazer e convivência. O espaço conta também com horta
comunitária para produção e distribuição de horticultura.
Endereço: Via B Nove – Maré – Rio de Janeiro-RJ.
@parqueecologicodamaré

Coletivo Papo de Laje
Coletivo cultural da Maré que promove arte e diálogo social.
@coletivo_papodelaje/

Comunidade Católica Pequena Nuvem
Movimento católico de evangelização e acolhimento,
inspirado na passagem bíblica de 1 Reis, 18:44.
Sua atuação é com base na acolhida comunitária.
https://www.nuvemcatolica.com.br/
@nuvemcatolica (instagram.com in Bing)

Comunidade de Pescadores da Colônia Z-13
Colônia de pesca artesanal em Copacabana.
Endereço: Posto 6 – Praia de Copacabana, Rio de Janeiro.
https://copacabana.com/colonia-de-pesca-z-13

Cultiva Rio
Projeto localizado em Seropédica (RJ), com foco em venda
e cultivo de plantas, ervas, flores, suculentas e cactos.
Trabalha com atendimento personalizado e entregas.
@cultiva.rio

Instituto Maré
Organização não governamental (ONG) de promoção de
projetos de impacto social para incentivar a geração de renda
e a educação de qualidade por meio da economia criativa.
www.institutomaré.org.br
@instituto_mare

Luta Leopoldina
Organização comunitária de jovens unidos pela transformação
em periferias da região da Leopoldina, Rio de Janeiro.
@luta.leopoldina

Maré City
Iniciativa cultural e turística que promove economia criativa e projetos sociais ligados à comunidade da Maré, no Rio de Janeiro.
@mare.city

Nasci para Brilhar
Escola particular localizada em Salvador (BA), no bairro Sete de Abril. Oferece creche, pré-escola e ensino fundamental em ambiente inclusivo, com infraestrutura como quadra coberta, parque infantil e acessibilidade.
@ongnasciprabrilhar

Recriando Maré
Projeto comunitário que promove reciclagem e capacitação de mulheres na Maré.
@recriando.mare

Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Clima [SMAC]
Órgão municipal responsável por políticas ambientais no RJ.
https://ambienteclima.prefeitura.rio/
@meioambienteclima.rio/

Sons da Maré
Projeto cultural que oferece aulas gratuitas de música para jovens da Nova Holanda.
@sonsdamare

Sobre a Redes da Maré

A Redes da Maré é uma organização da sociedade civil, que tem sua origem vinculada às lutas comunitárias empreendidas na Maré a partir dos anos 1980. Atua no conjunto das 15 favelas da Maré, no Rio de Janeiro, onde vivem 140 mil pessoas. Sua missão é contribuir no processo de efetivação de direitos fundamentais na região, como o acesso à água, ao saneamento básico, à educação, à saúde, à segurança pública, à arte, entre outros.

A instituição tem como pressuposto atuar a partir de uma abordagem territorial, com perspectiva estruturante, tendo como base cinco eixos de trabalho, quais sejam: (i) Direito à Educação, (ii) Direito à Arte, Cultura, Memórias e Identidades, (iii) Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça, (iv) Direitos Urbanos e Socioambientais e (v) Direito à Saúde. Cada área atua numa perspectiva metodológica que considera a produção de conhecimento, a mobilização e articulação comunitária, a construção de programas, projetos e ações e a incidência nas políticas e serviços públicos.

@redesdamare | redesdamare.org.br

Sobre a Silo – Arte e Latitude Rural

Silo – Arte e Latitude Rural é uma organização da sociedade civil fundada em 2017, conduzida por uma equipe de mulheres, engajadas em promover o diálogo entre o campo e a cidade, por meio da arte, ciência e tecnologia. A Silo existe para estimular o desenvolvimento sociocultural no campo, por meio de uma linha de programas desenvolvidos com metodologias próprias, que visam o cruzamento entre saberes populares e científicos, e fomentar a autonomia e a cooperação nas zonas rurais e periferias urbanas.

A organização está situada em um território da Mata Atlântica, na Área de Proteção Ambiental da Serrinha do Alambari, localizada entre o Vale do Paraíba e a Serra da Mantiqueira, onde se unem as fronteiras dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

A partir de diferentes programas e ações, a Silo integra espaços urbanos, valorizando periferias e ambientes rurais com suas ricas experiências.

@silo.arte.e.latitude.rural | silo.org.br

Créditos

Coordenação do Eixo de Direitos Urbanos e Socioambientais
Everton Pereira da Silva
Maurício Dutra

Coordenação do Laboratório
João Sousa e Silva

Produção Executiva
Tainá Neves Ferreira

Coordenação Metodológica
Cinthia Mendonça

Mentores
Ana Altberg
Antônio Pimentel Sequeira Júnior
Marcos Silva de Melo
Rian de Queiroz Cunha

Parceiros na realização
Colégio Estadual Professor
João Borges de Moraes

Produção editorial
Maria Carolina Fenati

Projeto Gráfico e Diagramação
Filipe Lampejo

Revisão
Andrea Stahel Monteiro da Silva

Apoiador
Ministério das Cidades –
Periferia Viva

Realização
Redes de Desenvolvimento da Maré

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L115
Redes da Maré
LabMaré: laboratório de arquitetura, cultura e clima / organização de João Sousa e Silva, Rian de Queiroz, Cinthia Mendonça. – 1. ed. – Rio de Janeiro, RJ: Redes da Maré, 2026.
228 p. : il. ; 18 × 24 cm. – (LabMaré ; v. 3)

ISBN 978-65-5278-575-6

1. Intervenções urbanas – Favela da Maré (RJ). 2. Arquitetura comunitária – Rio de Janeiro. 3. Cultura urbana – Projetos sociais. 4. Clima e território – Espaços populares. I. Silva, João Sousa e. II. Queiroz, Rian de. III. Mendonça, Cinthia.

CDD 711.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Com uma tiragem de 400 unidades,
este livro foi impresso em offset pela gráfica Formato, Belo Horizonte,
em papel Apergaminhado 75g/m², em abril de 2026.
As famílias tipográficas utilizadas foram a Gustavo (Lift Type),
Helvetica Neue (Linotype) e Simplon Mono (Emmanuel Rey).